

REVISTA
56
INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO
BRASILEIRO

Fundado no Rio de Janeiro em 1838

TOMO 99 — VOL. 153

(1° DE 1928)

Hoc facti, ut longos durent bene gesta per annos
Et possunt sera posteritate frui.

DIRECTOR

Dr. B. F. Ramiz Galvão



* * * RIO DE JANEIRO
IMPRESA NACIONAL * 1928

REVISTA

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO

DE SÃO PAULO

Publicada em São Paulo em 1922

Volume 1 - Número 1

1922

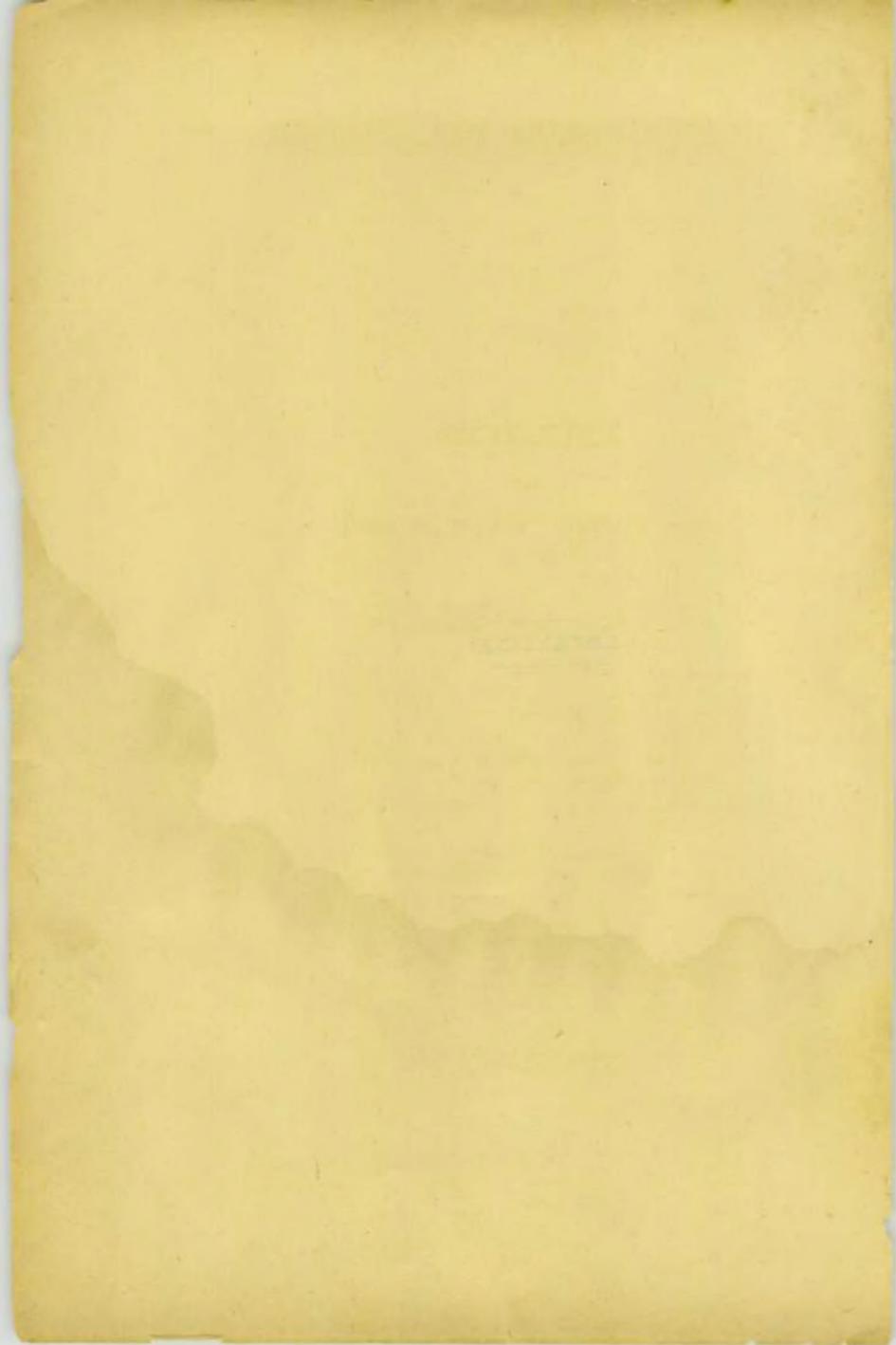
Impresso em São Paulo

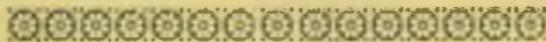
1922

Editor: Dr. A. de A. Moreira



INDEX





INDICE

DO

TOMO 89 — VOL. 153 (1º DE 1926)

	Page
<i>Summula Triunfal da nova e grande celebridade do glorioso e invicto martyr São Gonçalo Garcia.</i>	7
<i>Apontamentos sobre as primeiras relações diplomaticas entre a Republica do Perú e a Imperio do Brasil (Manuel Cicero Peregrino da Silva)</i>	105
<i>O patriotismo e o clero no Brasil (Eugenio Vilhena de Moraes)</i>	113
<i>Joaquim Nabuco e a monarchia federativa (Levi Carneiro)</i>	169
<i>Segundo centenário do nascimento de frei José de Santa Rita Durão (Eugenio Vilhena de Moraes).</i>	185

ACTAS DAS SESSÕES DE 1926

Assembléa geral extraordinaria em 6 de março, para discussão e votação de alterações nos estatutos.

Proposta do sr. Othelo Reis sobre a graphia de nomes geographicos.

- Voto pelo restabelecimento da saúde do consocio almirante Gomes Pereira. Comissão para visita-c, pags. 221 a 227

Primeira sessão ordinária em 6 de maio

Comunicação do fallecimento dos consocios João Luiz Alves, Joaquim Nogueira Parangaguá, Honorio Lima e Justo Leite Chermont.

Parecer da Commissão de Fundos e Orçamento sobre a receita e despesa de 1925.

Noticia do parecer do sr. Henrique Morize, favoravel á conferencia do geographia proposta pelo sr. Othello Reis.

Palavras do sr. conde de Affonso Celso sobre a conferencia do sr. Augusto Tavares de Lyra, relativa ao centenário do Senado Brasileiro.

Conferencia do sr. Augusto Tavares de Lyra sobre o centenário do Senado Brasileiro.

Proposta do sr. Agenor de Roure de um voto de congratulações com o sr. conde de Affonso Celso, por ser o unico sobrevivente das mesas que dirigiram a Camara dos Deputados do Imperio.

Voto de pesar, proposto pelo sr. Carlos da Silveira Carneiro, relativamente ao fallecimento do almirante Alexandrino de Alencar.

Palavras do sr. conde de Affonso Celso sobre a proxima sessão em que o sr. Agenor de Roure fará uma conferencia sobre o centenário da primeira sessão ordinária da Camara dos Deputados, pags. 227 a 282

Segunda sessão ordinária em 9 de maio

Palavras do sr. conde de Affonso Celso sobre a conferencia do sr. Agenor de Roure relativa ao centenário da Camara dos Deputados.

	Pag.
Conferencia do sr. Agenor de Houre sobre o Centenario da Camara dos Deputados, paginas 282 a	317

Tercera sessão ordinaria em 10 de junho

Proposta indicando para socio honorario o sr. Percy Alvin Martin.	
Proposta indicando para socio correspondente o sr. Djalma Forjaz.	
Parecer da Commissão de Admissão de Socios favoravel á eleição de d. Francisco de Aquino Corrêa como socio honorario.	
Votação e approvação unanime desse parecer.	
Palavras do sr. conde de Affonso Celso sobre as offerlas feitas pela sra. viscondessa de Cavalcanti, e pelo principe d. Pedro de Orleans e Bragança do exemplar dos <i>Luziadas</i> , que pertenceu a Luiz de Camões, e sobre o qual fará uma conferencia o consocio sr. Afranio Peixoto.	
Conferencia do sr. Afranio Peixoto sobre <i>Lecturas Camonianas</i> .	
Palavras de congratulações do sr. conde de Affonso Celso com o sr. Rodrigo Octavio, recentemente chegado dos Estados Unidos, Cuba e Mexico, pags. 317 a	317

Sessão extraordinaria em 23 de junho

Proposta para socios honorarios dos srs. Emilio Gutierrez de Quintanilla, Pedro Dulant, Luiz Varela Orbegoso, Alberio Ballon Landa, Jose Corbacho e Victor Muñoz Reyes.	
Palavras do sr. conde de Affonso Celso sobre a conferencia que o consocio sr. Braz Hermenegildo do Amaral vaee realizar sobre a Conspiração Republicana da Bahia de 1798.	

Conferencia do sr. Braz Hermenegildo do Amaral sobre a Conspiração Republicana da Bahia de 1798.	
Nomeação de uma comissão para dar prêmios ao sr. Agenor de Roure, paginas 343 a	402

Quarta sessão ordinaria em 26 de julho

Palavras do sr. conde de Affonso Celso sobre o fallecimento do consocio almirante Antonio Coutinho Gomes Pereira.	
Palavras do sr. conde de Affonso Celso sobre d. Francisco de Aquino Corrêa, que vem tomar posse como socio do Instituto.	
Discurso de d. Francisco de Aquino Corrêa.	
Resposta do sr. Ramiz Galvão, orador perpetuo do Instituto.	
<i>Anexo á acta:</i> Palavras proferidas pelo consocio sr. Raul Tavares, no Club Naval, sobre o fallecimento do almirante Gomes Pereira, pag. 403 a	428

Quinta sessão ordinaria em 23 de agosto

Comunicação do sr. Fleiuss da offerta feita pelo dr. Mauricio Nabuco do archivo do seu eminente avô, conselheiro José Thomaz Nabuco de Araújo.	
Comunicação do sr. Fleiuss das offeras, por intermedio do consocio sr. Eugenio Vilhena de Moraes, pela sra. Evelina de Queiroz Matoso da Cunha, srs. Luiz e Euzebio de Queiroz Matoso da Camara, de mais de sessenta documentos relativos ao duque de Caxias.	
Palavras do sr. conde de Affonso Celso sobre as offeras e sobre a conferencia que o consocio sr. Eugenio Vilhena de Moraes realizará em homenagem ao duque de Caxias.	

Pags.

- Conferencia do sr. Eugenio Villena de Moraes, que será publicada posteriormente, e leitura pelo mesmo de uma carta de Diogo Antonio Feijó a Caxias e da resposta deste a Feijó.
- Proposta do sr. Fleiuss para que se solicite do governo do Estado do Rio de Janeiro a elevação de uma escola com o nome do duque de Caxias, na localidade da Estrella, onde nasceu o grande brasileiro.
- Anexo d' acta*: Relação dos documentos do duque de Caxias, pags 428 a. 433

Sexta sessão ordinaria em 27 de setembro

- Noticia da offerta do sr. Felix Pacheco de um retrato do capitão-general argentino, d. Justo José Urquiza.
- Comunicação do sr. Fleiuss sobre o encerramento da conferencia de geographia e sobre o apparecimento do trabalho do consocio sr. Delgado de Carvalho, denominado *Historia da cidade do Rio de Janeiro*.
- Conferencia do sr. Augusto Tavares de Lyra sobre alguns dos estadistas que occuparam pastas ministeriaes no regime imperial.
- Nomeação de uma commissão para cumprir o presidente honorario, sr. Epitacio Pessoa, pags. 433 a. 436

Setima sessão ordinaria em 11 de outubro

- O sr. conde de Affonso Celso dá conta do convite do ministro da Justiça para que o Instituto compareça á cerimonia da entrega, na Bibliotheca Nacional, da collecção de publicações que o governo da Republica Oriental do Uruguay offereceu ao Brasil, sendo nomeado para esse fim o consocio sr. Olympio da Fonseca.

Saudação do sr. conde de Affonso Celso no sr. Arturo Scarone, director da Bibliotheca Nacional do Uruguay.

Palavras do sr. Fleiuss sobre o selimo centenario da morte de São Francisco de Assis.

Proposta relativa aos srs. Pedro Calmon Muniz Bittencourt e Alfredo Ellis Junior, para socios effectivo e correspondente.

Prorrogação do orçamento.

Palavras do sr. conde de Affonso Celso sobre a conferencia de geographia.

Anexo á acta: Trabalhos da conferencia de geographia, pags 436 a 474

Sessão magna commemorativa do 88º annulversario da fundação, em 21 de outubro, paginas 474 a 504

Allocação do sr. conde de Affonso Celso (presidente perpetuo).

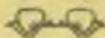
Relatorio do sr. Max Fleiuss (secretario perpetuo.)

Discurso do sr. Ramiz Galvão (orador perpetuo), sobre os socios fallecidos no anno social, srs. João Luiz Alves, Joaquim Nogueira Paranaguá, Honorio Lima, Justo Leite Chermont, Lauro Severiano Müller e almirante Antonio Coutinho Gomes Pereira.

Sessão especial, em 11 de dezembro, commemorativa do centenario do fallecimento da Imperatriz d. Maria Leopoldina

Allocação do sr. conde de Affonso Celso.

Conferencia do sr. Max Fleiuss, pags. 505 a . . . 531





INTRODUÇÃO

O documento que a *Revista* acolhe em suas paginas no presente tomo é de importancia para a historia da litteratura brasileira, a cujos estudiosos tem passado despercebido, em razão de só existir um exemplar impresso, em Portugal, na bibliotheca do Conde de Sabugosa. Desse exemplar obtive, ha tempos, o Instituto Historico a cópia de que nos servimos agora. Intitula-se *Summula Triunfal da nova, e grande celebridade do glorioso, e incicto Martyr S. Gonçalo Garcia, etc.*, e veio á luz em Lisboa, 1753. Seu autor, sob o nome supposto de Soterio da Sylva Ribeiro, é Fr. Manuel da Madre de Deus, de quem Fr. Antonio de Santa Maria Jabotam, no *Novo Orbe Serafico Brasileiro*, ed. de 1701, tomo I, pa. 224, e de 1838, tomo I, ps. 369, nos dá esta biographia summaria:

«Fr. Manuel da Madre de Deos, natural da Cidade da Bahia, e professo no Convento da Villa de Iguaçu, em Pernambuco a 5 de Mayo de 1715, em idade de 21 annos incompletos. Por molestia, que padecia nos primeiros annos de Religioso, não continuou os Estudos mayores, tendo mostrado pelos Classicos capacidade para todos. De tudo he bastante prova o seguinte: (menciona o titulo da *Summula Triunfal*, e mais um *Commento aos Emblemas, ou Empresas de Alciato*, que nunca saiu impresso).

Barbosa Machado, na *Bibliotheca Lusitana*, omitiu o nome do autor, que Innocencio e Sacramento Blake mencionam, embora não lhe conhecessem a obra.

Reimprimindo-a, tem a *Revista* oportunidade de offerecer alguns subsidios, não desprovidos de interesse, aos que estudam a nossa historia litteraria.

(DA Direcção)



SUMMULA TRIUNFAL





**Summa Triunfal da nova e grande celebridade do glorioso
e invicto martyr S. Gonçalo Garcia**

Dedicada, e offerecida ao Senhor Capitão

Jozé Rabello

de Vasconcellos,

por seu autor

Soterio da Sylva Ribeiro:

Com huma Collecção de varios folguedos, e danças,

Oração Panagírica, que recitou o Doutissimo, e

Reverendissimo Padre

Fr. Antonio de Santa Maria

Jubontam,

Religioso Capucho da Provincia de S. Antonio do Brazil,

Na Igreja dos Pardos da

Senhora do Livramento,

Em Pernambuco no primeiro de Mayo do anno
de 1745.

Lisboa

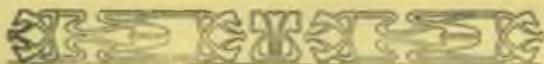
Na Officina de Pedro Ferreira, Impressor da Augustissima

Rainha nossa Senhora

Anno de M.D.CC.LIII.

Com todas as licenças necessarias.





DEDICATORIA

Já chegou o tempo, em que o cordial affecto, com que o venero, conte victorias. Reppetidas vezes me atromentou o desejo de corresponder agradecido áquellas caricias de amor, com que tantas vezes fuy da sua benevolencia mimoso; desejando alcançar huma resolução de sacrificarlhe os toscos rasgos da minha penna: a este intento se oppuzerão não poucos incommodos, arrojando de seus holocaustos esta rendida victima.

Sempre solicitei ancioso numerar-me em o numero dos seus, para este titulo empenhei sempre todo o meu amor: no seu serviço: por isso de ambicioso poderá tal vez notar-me alguém imprópriamente, mas tenho desculpa, pelos motivos que me ha dado o seu amor nas repetidas mesécas a meu amoroso atrevimento, e ambição: porem do desejo, que tenho de o aggradar quem o pode melhor informar que a minha pouca correspondencia?

Confesso ingenuamente que foy sempre V. m. para favorecer-me Gigante, e eu em corresponder Pigmeo; por isso mesmo espero, que aquelle a quem se deve a bondade de meus desejos, esse me defenda da crisis popular, e licenciosa censura, levando na frente desta pequena offerta a dourada rubrica do seu nome.

Quem negará, que algum superior impulso (depois do meu agradecimento) me obrigou a tomar esta empreza? para que em afforismos de São Santo, e perfeito emprego achasse a mordaz emulação de alguns segurissima pauta para os seus deenganos; e pode ser que já que no Encomiastico,

e Hyperbolico não suspendão minhas razoens, ao menos a vehemencia da verdade, se persuadão os Thomens Pardos a respirar das passadas, e univarsaes vexasoens, em que vivião sósobrados.

Por esta causa consagro á sua benignidade todo o de-
empenho da acção, para que de seus naturaes zelos não só
proteja, e ampare este breve periodo; mas tambem, o que
ho deffenda a sem razão, que padessem os Pardos; que a não
succeder como espero, não só erro, mas arrojo fora o voo
da minha mal aparada penna.

A materia, que reverente consagro á sua heroioldade,
he hum ramilhete de flores, e fructos, que do dellicioso Jardim
da devoção parda colhi, e contem huma laconica pandela
da verdade para que nenhum já mais no estímulo da oppo-
sição possa sem desculpa calcitrar: por esta razão temeroso
fugi sempre do commum, e lizongeiro sophisma das dedica-
torias, que he levantar Padroens, propor Genealogias, delinear
Prozapias, amontuar Proezas, e accumular por razoens, o
que sem duvida aos olhos de muitos se faz contemplivel; posto
que me fique o dezejo da dilacão neste discurso; mas passe
por travessura de affecto este politico aforismo de amor.

De que logra V. m. huma perfeita semetria com os mais
assinallados Varoens de mais lustroso valor, e credito he certo,
e deixo por refferir tão accreditadas açoens por não offender
a gravidade, e molestia, nem incorrer na nota de lizongeiro.
De sua santa, e religiosa liberdade não he leve testemunho
o longo territorio de Pernambuco; nem conhece mais leis,
que as do amparo, e protecção dos innumeraveis Iros, quantos
são os que habitão esta vasta porção do Mundo: pois sabem,
a confissão, que algumas vezes passou de liberal a prodigo;
mas se como diz o vulgar aforismo, que a necessidade carece
de leis, quem poderá pôr leis á misericórdia, que só anhel
amparar miserias? Recaba pois V. m. este curto, mas reve-
rente obsequio, que só procura o seu nome, e piedozo azylllo,
a quem não tento mais que offerlar, senão pedir a Deus pos-
terize sua pessoa Nestorios annos.

De V. M.

menor servo, e maior venerador

Baterio da Silva Ribeiro.



SUMMULA TRIUMFAL

INTRODUÇAM

Mais para venerar, que para ponderar nos aconselha a humana baixeza, são os inexoraveis Juizes de Deos. Quem não dicera, que para mayor alegria, e universal aclaração occulta Deos muitas vezes ao nando, aquillo que sem duvida se dexeja com mayor saudade, e devoção. Esta he sem duvida a cauza por que a Divina providencia, nesta mais, que em todas as couzas se ostenta com mayor admiracão, e universal espanto dos viventes!

Já dos primeiros seculos vemos se achão sepultadas em as cinzas do esquecimento muitas coizas roubadas pelos dias, e annos ao luzido Sol da nossa memoria, para que do grizoi da nossa esperança, súa mais apurada á custa de erros varios a nossa devoção.

Estes são sem duvida os motivos, que teve o Altissimo, esta a cauza de ter a tão inveterados seculos, padecendo em tanto decurso, e profluencia de males, a sequioza devoção dos homens pardos, pela falta de santo da sua côr; para que em suas mayores tribulaçoens decubrisse Deos hum amorozo affecto, que depois com, inexplicaveis jubilos, e euges suavizassem os heus com as seguintes victorias.

Fertido tinha já o lastimozo pranto de Israel as Divinas orçellas, quando de entre as incombustas chamas de huma carga convida Deos o Moizales valor a enxugar as lagrimas de tanta afflicção o angustia nascidas da cruel impietade, em que vivião de Farnó, sem mais pretexto, que a extranhez da unção.

Esta verdade lá figurada se vê, e realmente praticada pelos annos do Senhor no primeiro do Mayo de 1715, tempo destinado para tão feliz redenção; pois não sem misterio

pareceu escassa, e vagarosa em socorrer tantos males; ou porque fiando-se na sua infinita misericórdia no ministério de tantos infortunios, descobrir-se em os homens pardos a mais fina devoção, ou porque em o gravame de tantas oppressões, e angustias resplandecesse mais a sua fé, ou talvez para que a pedra de toque de tantas calumnias, e escarneos se conhecesse o mais subido quilate do ouro de sua paciencia, para lhes succeder depois mais sobejo o remedio a suas lastimozas angustias.

Som duvida pois succedeu assim, porque ferido já Deus dos lastimozos ays, e internecidos heus desta angustiada, e aflita nação de homens (em tão mayor, quanto mayor era a necessidade) quiz que luzisse a Aurora de sua infinita misericórdia a noite de tanta desesperação, e angustia, de que os libertou, dizem que hum piíflimo Religiozo da esclarecida Religião de Santo Ignacio com a feliz noticia do invito Martyr S. Gonçalo Garcia, Santo de sua mesma côr, e accidente: convidando-os (quem não dirá, que por celestial influxo) á dezeitada terra de promissão de seus fervorozos desejos, á qual nem todos chegarão com felicidade, huns porque incredulos da intempetiva noticia immudecerão não da falla, mas das obras para concederem em tão custoza viagem, outros que totalmente dezeitirão da empreza com a feyn nota de suas más consciencias, em a direção deste negocio.

Apenas linha o clarim da fama defendido esta noticia em a vasta Capitania de Pernambuco, quando reboando o arco de seus clamores por todo o Imperio Americano, inexplicavel puzesse o Jubilo, que concherão os sujeitos deste accidente, respirando todos a hum tempo das preteritas incalamidades: mutuamente se davão huns aos outros o parabem de tanta ventura. Aos Geos rompião com agradecidas vozes, á terra com euges, e vivas, os coraçoes com ays, propriedade só de quem felizmente escapado havia do rubro de tantas lagrimas, vendo sepultados já seus inimigos em as ondas de tantas calumnias a vehemencias de huma tão estranha, como feliz noticia, que ao parecer verosimil foy da maneira seguinte:

Haverá pouco mais de trinta annos, que hindo deste Pernambuco ao Reyno de Portugal hum homem pardo por nome Antonio Ferreira no regresso trouxe consigo huma pequena Imagem do Beato Gonçalo Garcia com a noticia que lá lhe derão de ser o Santo da sua mesma côr, e accidente: esta Imagem conservou em seu poder com grande amor, e devoção alguns annos, que viveo, e por sua morte a deixou a huma devota matrona deste Paiz, e hoje em dia se acha no Oratorio do

Sindico dos Religiozos de Santo Antonio do Recife, Manoel Alves Ferreira.

Algumas deligenciaes fez este devoto pardo por introduzir nos mais a opiniao, que do Reyno trazia, de ser o Santo tambem pardo; mas como não allegava mais fundamento que a oppiniao, que trazia, ou porque não era ainda chegado o dia determinado pela Divina providencia para a exaltação, e gloria do Santo, e redenção da sua côr, não passou a sua piedosa deligencia mais que a deixar na memoria dos mais o desejo do seu culto, o qual de prezente avivado, e incltado pelo Religiozo, que já dicemos, não se rezolvião com tudo a sahir á luz com o seu projecto; porque communicando com algumas pessoas Religiozas, o Doutas este negocio, nenhum concordava em que o Santo (sendo natural da India) pudesse ter aquella côr.

Buscarão ultimamente ao R. P. Fr. Antonio de Santa Maria Jaboatão, como fiduciados no seu douto parecer, e prudente conselho, o qual sem impugnancia alguma lhes respondeu, que pelo que entendia, podião estar na certeza de que o Beato Gonçalo Garcia, como natural da India, tinha da côr parda tudo aquillo, que bastava para que elles o podessem ter por Santo da sua côr, e accidente.

Esta mesma resposta deu o dito Padre ao Reverendo Coadjutor, que por ordem do seu Reverendo Parrocho, o voyo consultar sobre este ponto; e esta só opiniao sua foy a luz, que bastou para desfazer tantas sombras de ignorancia, que offuscavão, não só as razoes, mas ainda a verdade, do que fosse o Santo pardo, e privallo desta gloria.

Se assim como aconteceu isto seis annos atrás, viesse neste tempo; nem o Orador tivera tanto trabalho em revolver livros exquizitos, e apurar noticias antigas; nem os duvidozos tanta occasiao para a censura; pois com as novas conquistas da India, aos que dellas tem noticia, o tem as relaçoens impressas, acharão que todos aquelles povos são nellas tratados por negros. Negro se chama muitas vezes nesses poeticos discursos da India o Monsoló, e negros são tambem os Maratas, que hoje occupão, e senhorião a Cidade de Baçaim, patria do Beato Gonçalo Garcia; estes negros inda que reproduzidos, não são novamente produzidos allí, nem vierão para a India das partes da Africa, nem he força, que para ser hum pardo haja algum do seus pays de ser nacional de Africa, antes basta que seja do negro a Cidade ao meu ver; que podem mais acrescentar os duvidozos?

Mas como a tristeza costumou sempre acompanhar a alegria nas espaldas como sombra, e ás occasioens de mayor consolação paresem sobornados os azures, de repente se

virão desvanecidos de tanta gloria, fluctuando em novas ancias, por causas que elles melhor do que eu as saberão, comque se frustrarão seus brizos intentos, se com as prudentes maximas do Orador panegyrico não cobrase o perdido calor a sua devoção.

Rezolutos pois, e deliberados com isto a pôr em execução o culto do Santo Gouçalo Garvia não foy pouco para admirar. Ver concorrer os moradores desta destrito, e seus arredores, mais ainda o mesmo Ceo, terra, mar, e elementos, ainda a mesma natureza, qualquer com discreta, e muda emulação (se he que se dá em laes sujeitos) parecia contribuir liberal a tanta gloria como adiante veremos, sem que com este exemplo se confundissem os opozitores de tão piedozos intentos, estribando-se na sophistica causal de que senão compadecia com tal accidente a santidade, pouco atentos á experiencia que desde os primeiros seculos nos aconselha o Poeta, se hudo dar á edr, cuja verdade posto que Gentio, conheço claramente hum Coridon na intimação que de seus affectos fazia ao menino. Aleixo, ou como lem outros, Alexandre:

*O Formose puer, nimium ne crede colori Alba liqustra
cadunt varinta nigra leguntur funduntur viole.*

Mas inda assim quando o odio dos moradores os fizesso indignos de virtude alguma ao menos pela parte preta, do que se compoem podião advertir, o que diz o Psalmista: *Ethiopia preveniet manus ejus Deo*, para assim entenderem que não são estes homens estereis para a virtude.

Não menor foy outra, que em certa occasião, beberão meus ovidos de hum indiscreto Eclesiastico, a quem encomendando-se hum Serião, protestou o não faria pelo mais crecido interesse por não haver aprendido a pregar impossiveis, pois senão molhava com tal accidente a santidade, o que sinceramente se pode entender da sua natural impossibilidade.

Mayor censura, e mordacidade padecese o Orador da primeira festa, pois com a nota de illiterado padecese tambem a do Hypocrita, por hum Mellino Senhor, que não se recitou clauzula, que não contasse, levado só da sinistra fantasia, e prezuneção, que nas tripas llo berruva; mas crerão logo todos estar na occasião pouco em ponto o mel do seu entendimento; querendo com estas e outras loucuras desluzir a hum sujeito, a quem he subejo clara para a fama, seus escritos, que nunca tiverão melhor epitecto, e panegyrica censura, que o immortal obilisco do seu nome.

Agora quizera deterretorna em vozes de luvor, se não temera a censura do suspeito, ainda que soubese de uzupar

indevidamente para exacção de suas virtudes, e entendimento, o que para expressão das infernaes penas cobissava o Murtuano Poeta:

*Non mihi si lingue centum, sintoraque centum, Torrea
voz omnes mentis comprindere formus.*

Mas basta para geroglifico de sua vasta literatura esta sincera pandola de louvor, que se lá para ser conhecida a serva do Cezar bastava a esculptura de seus Imperiaes estandartes para circunvagor o orbe illeza, se lá para estremecearem o mundo os Soldados Macedonios era bastante o militareem, e dizerse que erão Soldados do Alexandre; cá não menos, pois para correrem seus escritos seguros da licencioza censura, e crizes popular, basta levar na frente esculpida a gloria de seu nome, e para conhecerse o valor deste famoso Campião da Igreja, basta dizerse que milita nas bandeiras, e estandartes do Francisco, com o que se faz entre todos os mais regulares singular; pois se de Portugal o Rey entre todos os Monarcas do mundo pode blazonar amizade com Deus, a privança muito particular pelo chegado estandarte, de que se cobre; quanto mais poderá este (se he que alguma coisa digo) gloriarse em huma Religião, que tem por vexillos ao mesmo Christo.

Animados em fim a esta empreza com valor mais que de Saneão, caca qual com intrepida liberalidade, ou Alexandres na liberalidade, outros em fim Troyna proaigalidade, com o que se assentou em meza em a sua mesma Igreja do Lavramento em o primeiro de Mayo de 1716 a publicação da festa, despachando-se cartas por todas as Confrarias, e Irmandades desta Capitania, em que tinham mando os deste accidente, e não só a estas, mas também a todas as Religioens, e Templos, que benignamente condescenderão, por serem do hum Santo Ião protentozo os cultos, que novos, com prerogativa de primeiros, no mundo se consagravão.

Convocados todos a esta Praça, ou Villa de Santo Antonio do Recife, darão principio a esta acção em a seguinte noite em o referida Igreja por portas janelas, terreno, e torre, innumeraveis fogos de todas as invegoens, que só então vi comprimentada a impossibilidade do Peligno Poeta:

*Terra feret stellas, celum findetur uratro, Unda dabit
flammas, et dabit ignis aquas.*

Donde parecia haver concorrido o Ceo, pois seguramente se pode crer collocára na terra a nobilissima Republica de seus luminozos methcaros.

Este seguirão por ordem os mais Templos acompanhando, e respondendo aos repiques do sinus os bombus da artilharia por espaço de tres dias em determinadas horas. As dezen-

loudas vozes do Povo, e os marciaes instrumentos de tal sorte suavizavão o escuro chaos, que inculcavão do dia, e noite symbolica porfia. Em a segunda noite, além de varias tragico-medias, e esquipaticas fúlias, huma brilhante fragata de fogo corria as ruas todas com huma bem ajustada musica dos mais sonoros Orpheos da terra.

Na terceira hum magestoso plausto dentro, e fora com huma bem ajustada contradança de Talheres, que com todo o capricho, e aceyo dirigião innumeraveis Cupidos, aos quaes seguiu outra de Fúlias de Hespanha, que fazião mais vistosa os custozos archeiros, e luzes varias, que a acompanhavão: seguia-se ultimamente huma dança de Langra com caprihozo concerto ordenada, obsequiando tambem esta acção a Cidade de Olinda pouco distante desta Villa.

Acordando-se finalmente no dia certo para tão rija festividade, se assentou em o de trinta de Agosto, em que de unanime concerto sairião aquelles, a quem incumbia esta acção, pelas ruas principaes revestidos de requissimas opas, a quem procedião dous tomos de charamelas, e boazes, com cuja harmonia, e suavidade se incitava a popular devoção, de que rezullou huma numeroza quantia.

Na quarta feira 31 de Agosto, quando já jurava a noite seus horrores com mutuos ropiques de todos os Templos, e hóllicos instrumentos se noticiou ao povo dava principio á Novena do dito Santo, elevando-se em alto mastros de verdes ramos revestidos, outras tantas bandeiras, que ondeando-se mansamente ao vento, novo récreyo de Boreas, publicavão, cuja perspectiva fez mais plauzível os immediatos ecos de Vulcano; esta acção condecorou a presença do R. P. Coadjutor, revestido de Pluvial de tela franjado de ouro, que a som de huma bem concertada melodia, e musicos instrumentos deu principio á Novena com todo o aceyo, e capriho, tanto de Ceremonias, como de Ecclesiasticos paramentos, que por então não puderão ser mais custozos.

A's oito da noite horas se formoseou de tal sorte o terreno a circunferencia da Igreja, e alto da torre, com luminarias, e fogueiras, que novo chaos de resplandor formado parecia haver a noite: isto imitarão todos os moradores do distrito, o que se observou por todos os dias da Novena com incrível dispendio dos Irmãos deputados pela Meza.

Aos oito do seguinte mez se patenteou a vulgar devoção á devotissima Imagem do dito Santo, que pelo primor, e naturalidade da pintura offerencia aos olhos hum vistozo enigma, em quem a arte docemente enganava a natureza, causando as apparencias oprobrios á realidade, exhalando de si (depois dos quatro beatos dotes) huma fermosura tal, com tal atra-

ctivo das potencias, que seguramente se podia dizer della, o que da sua Livia cantou o desterrado de Ponto:

*Ad te oculos, aures que trahis, tua factanotamus,
Nec vox missa potest principia ore legi
Alta mane, supraque tuos exurgit dolores,
In fragilemque animum, quò potes usque tene
An mollius per te virtutum exempla notamus,
Quem si Romane principia edis opus.*

Depois desta, não era menos para admirar na pintura o primor do delicado pincel de certo Apelles famoso, a quem a fama tem feito circular em todo o mundo, com pezar, e admiração dos mais celebres Zeuxis, e Timantes, que na verdade se vivera Apelles, muita mais distancia andaria pelo conhecer, com mais fructo talvez, que por Protogenes; donde resultou dizerem alguns, aludindo a antiga hyperbole, que havião dous Gonçalos Garcias, hum filho da esclarecida Religião dos Monores, insuperavel na virtude; outro deste author inimitavel de nenhum artificioso pincel; donde lambRANDO-me do Lyrico Poeta, direy delle, o que, o que de si por edloto dico Alexandra, que ninguem senão Lisipo o Apelles, este pintasse, aquelle esculpisse a sua imagem.

*Profluit edictum nequis se preter Apelem
Pingeret, aut prepter Lisipum ducret ora
Fortis Alexandri vultum simultania sacrum.*

Em dia da Natividade da Senhora se benseo a Imagem, que se achava não sem mystario em o Convento dos Religiosos Franciscanos, berço propriissimo, em que pela Ecclesiastica benção renaceo segunda vez para nossa segura devoção.

Colocado assim em lugar eminente, banhado de innumeraveis luzes, e preciosissimas roupa; e peças de ouro, e prata, sabio a Religiosissima Communidade, com cera de arratel nas mãos, e Cruz alçada prezidindo nesta o R. P. M. Fr. Antonio de Santa Rita, então Guardião, revestido de Pluvial de Uiso de ouro encarnado, acompanhado de Diacono, e Subdiacono com Dalmaticas do mesmo; e logo oito seculares Ecclesiasticos, administrando o odorifero Sabeo, e fragrante aspersorio, e mais ceremonias da Igreja.

Concluida a benção, que se officiou com a sua mesma musica, entoarão a coros o Cantico: *Te Deum laudamus*, com tão sonora melodia estas humanos Serafins, que poderião invejallos inda as Celestias Gerarquias: seguindo-se a isto a popular confusão de osculos.

DESCREVE-SE A PROCISSÃO

Concluída a bênção, sahíu a Imagem em Procissão do Convento dos Religiosos Menoritas para a Igreja do Livramento, precedendo ao acto dous sonoros toros de charanetas, o logo o Estandarte da nossa Redempção acompanhado de ceroferarios tudo de prata; succedendo logo por ordem os Irmãos do Livramento ornados de nevadas opas, a cera de dois arrates em as mãos; da mesma sorte se seguiu por sua preferencias as Religioens; que para este magestoso triumpho benignamente condecorarão.

Em meyo de tão Santa Orbicularidade magestozamente ornado procedia o andar do glorioso Martyr, cujo onus toleravão docemente o Juiz, o Escrivão da Senhora de Guadalupe, e com estes, os da Senhora do Livramento.

Seguia-se o Sacrosanto Lenho, em que se obrou o ineffavel mysterio da humana redempção debaixo de hum precioso palio em mãos do Reverendo Guardião, revestido de riquissima alva, catola, pluvial, superhumeralio, tudo de inextimavel valor, e preço, entre varios Sacerdotes tambem de ricas alvas, e dalmaticas revestidos, tudo de tella de ouro em campo branco: Carregadas as varas do Palio por seis Cavalheiros do habito de Christo.

Chegados ao Templo dos Irmãos Pardos, que se recebem com grandeza, e estrondo, se solemnizarão as Vesperas da Senhora do Bom parto, cuja Missa entou o R. Vigario o Doutor Manoel Freire professo na Ordem de Christo, servindo-lhe de Diacono, e Subdiacono, os R. R. Coadjutor, e Sanchristão, revestidos de ornamentos de tisso de ouro encarnado, e franjado do mesmo, presente o Divinissimo Sacramento em Throno, assistido de muitos Irmãos, que com capas, e muito acerto ministravão as Ecclesiasticas cerimoniaes.

A hum lado da Igreja se via hum como theatro ornado de muitas cedas, e damascos com primorosa architettura, em que docemente convidavão nos mortaes a desejos da Patria celestial huma sonora musica. Sublo a orar, que sem duvida o fez como devia, e bem se esperava de sua vasta litteratura, o R. P. Francisco de Buytrago, legitimo filho do Patriarca Santo Ignacio, glorioso sempre na producção de hum filho tão virtuoso, como igualmente douto.

Todo este acto condecorara o Pontifical dos Religiosos de São Bento, se sanão seguira hum não pequeno azar, que a todos poz em grave desconçolação, o não sey se digno, que escandaloso; a este se seguiu outro de igual sentimento pelo dispendio, com que se havião artificiado oito arrobas de fogo

do nova, e graciosa invenção, que tudo se frustrou por razões, que irritão o ouvilas.

Em o seguinte dia nove de setembro com os successivos repiques de todas as Templos, e estrondos da artilharia, sahio a Comunidade dos Religiosos Carmelitas Reformados com Cruz alçada, presidindo o M. R. P. Provincial Fr. Luiz de São Jerônimo, revestido de preciosissimos ornamentos, e capa de Aspergos de tisso de ouro com bordadura do mesmo sobresahida. Todos com cera de arratel em as mãos, dirigião os passos ao Templo do Livramento, e chegando a elle, sahirão a recebelos os Irmãos da Senhora da Soledade com Cruz alçada, precedindolhes o seu mesmo Capelão.

Entrados enfim em o Templo se santarão em quasi vinte cadeiras de veludo, e damaseo; alcutifado todo o pavimento da Igreja, e revestidos todos de Pluvial de damaseo. Em quanto se temperavão os instrumentos, e se acendião as velas, se distribuirão por todos os Religiosos, e innumeravel povo, que presente se achava, cera de arratel: o que feito. Subio ao altar o dito Padre Provincial, e se fez patente o celestial Maná á doce violencia do *Hymno Tantum ergo*, e finalizado, entoarão com muita suavidade, e ternura o Cantico *Te Deum Laudamus*, acabado este e encerrado o Senhor com aquella Ecclesiastica perfeição, e aceyo, que costumão os ditos Padres, se retirarão ao seu Convento com a mesma uniformidade.

No seguinte dia ás oito oras repetirão a mesma acção, que só diffirio em trazerem Diacono, e Subdiacono com dalmaticas bordadas de ouro e sendo outra vez recebidos na forma referida, se assentarão nas mesmas cadeiras, aczas as luzes, expoz o R. P. Provincial o Sacramento, e logo a toa do organ entoarão a hora de Terceia, a qual concluida, derão principio á Missa da festa com toda a circunspecção e grandeza; e subindo ao Pulpito orou com a costumada eloquencia, e literatura o P. M. Fr. Manoel da Ascenção Mello, Religioso da mesma ordem e concluida a festa, se retirarão pela mesma ordem ao Mosteiro.

Na sexta feira ao meyo dia, dez do dito mez, com continuos repiquos, e repetidas cargas de artilharia se deu principio á festa de Nossa Senhora do Livramento.

Nas tres da tarde, como já dicemos, com capas brancas, tochas em as mãos, derão principio ás Vesperes, que capitulou o R. Paroco assistido de toda a Cleresia Secular, revestidos de tela, e mais paramentos preciosos, incitando a huma interna devoção a melodia da musica do R. P. Jerônimo do Sousa, Mestre da Capella desta Villa.

Concluida esta, se repetirão pelo decurso da noite a sonora confusão de sinos, ecos do Vulcano, e Instrumentos de Marie; incendiando-se de tal sorte o terreno, janellas, e torre da

Igreja, que dilatado parecia haver o dia no mais recondito da noite seus luzimentos: sahindo para mayor realce de tanta grandeza, huma luzida encamizada, que ajudada da claridade da noite, e tranquillidade dos ares, o sereno tempo, com a melodia artificiosa, que acompanhava a estrondoza consonancia dos sinos, concertado do estrepito das danças, adorno, e formosura de suas figuras, e finalmente a ordem, que rara vez se acha na multidão, geralmente influhida a todos hum jubilo de alegria tão suave, que me parece inexplicavel, só por celestial communicação, à natureza.

Montavão todos em numero de trinta parelhas em soberbos cavalos bem ajezeados, que entre a confusão de cascaveis, clarina, trompas, charamelas, e atabales, acompanhava o cada hum dous pagens graciosamente ornados á mourisca, que com flamantes archeiros, e fugareos circuirão toda a Villa, levando a poz de si huma Balandra com todos os marítimos aprestos, azeos por alto, e baixo de fogos varios, com suspeitozo pasmo de um Vizuvio.

Em o dia seguinte com o Divinissimo Sacramento em Throno de luzes colocado, se celebrou a Missa: pregou ao Evangelho o R. Doutor João Luiz Bravo, Sacerdote do habito de S. Pedro, com aquella eloquencia nas mais vezes sempre costumada.

Aos doze de Setembro, e tres da tarde em plena Comunidade veyo ao Templo do Livramento a Reverenda Irmandade do Principe dos Apostolos; procedia a Cruz Pontifical acompanhada de Ceroferarios; logo o numerozo Clero revestido de sobrepelizes; subseguiu-se a este a Meza com seus officiaes todos com dalmaticas de damaseo carmezim, e cura de dous arrates em as mãos, presidindo o seu meamo Provedor na sobredita forma, cuja presença deu mayor lustre, e credito á festividade.

Chegados no Templo, forão recebidos da Irmandade do Livramento com aquella urbana polleia nas demais vezes praticada. Ordenarão-se as Vesperas, que capitulou o R. Provedor a som de musica; o que tambem se observou ás oito da noite a oras de Matinas com tão angellica armonia do Canticum *Te Deum*, que pela olorosa fragrançia, que o Templo banhava se incitavão os animos, e potencias, estas aos desejos da Patria celestial, aquelles á devoção, e imitação de tão glorioso Santo.

No dia Domingo se celebrou a Missa com tão inexplicavel capricho de cerimoniaes, e prodigo dispendio, que só o pôde bem asseverar o silencio, quando he curta toda a eloquencia a tão portentoso dezenho. Aqui não he facil explicar o concurso de povo, e nobreza de toda a Capitania, ao que tudo dava mais

credito, e esplendor a decoreza presença de todo o Ecclesiastico, Regular, e Secular, que conoerido havia.

Subio ao Pulpito a oras do Evangelho e Il. P. Fr. Antonio de Santa Maria Jabonão proporcionado assumpto não para a minha, mas a sempre adorada penha da Agua Evangelica. O que doria, e faria este, por decendencia, esclarecido Serafim, reservo á curiosidade, do Leitor na seguinte Oração Panegyrica, donde poderá tambem ver o que da vida, e martyrio do glorioso São Gonçalo Garcia possivelmente se pôde noticiar.

Aqui se não pôde dizer senão hyperbolicamente com verdade o credito, e esplendor, que recebeu a esclarecida Religião dos Menores, nesta âleia das mais vezes, que me não atrevo a referilas, pelo desejo, que tenho de singular nesta occasião com assombro, e espanto universal de toda a America: e o que mais he lida da mesma fortuna, a quem tem sacrificado tolerar, com valor mais, que he Job, a pé queda em o seculo da sua paciencia os dezatrezoados golpes da ventura: não sendo bastante causa esta, para que a grandeza, e frequencia imarecivel de seus estudos deixem de publicar as relevantes prendas de sua sabedoria, e virtudes, fazendo soar em o ligeiro clarim da fama seu opprimido nome com a immorial conjectura de singular por todo o Emporo Americano. Concluida a festividade, se ordenou com universaes repiques, e bombos da artilharia huma Procissão com igual applauso a publica expectação, na forma seguinte:

FORMA DA ORDEM DA PROCISSAM

Dous suavissimos ternos de charamelas precedião toda esta luzida comitiva, que mais parecia celestial esquadraõ de Anjos formado na terra, que humana, e fingida tragico-media no theatro do mundo representada.

1. Seguia-se logo a Figura da Azia acavalo, que deu o Capitão Mariano de Almeida, ricamente vestida de mulher. Gingialhe a cabeça huma caraminhola de molde Francez agaloada, a quem circulavão quatro broches de diamantes, entre os quaes sobresahião vinte e quatro flores dos mesmos diamantes. Sobre estas huma coroa de flores ficticias: pendião das orelhas dous brincos de diamantes de consideravel valor: no pescoço gargantilha das mesmas com rocieler pendente nella.

Vestia justillo de seda azul de ouro com manguitos de rendas do mesmo: por baixo deste outros de renda branca: robrião-lho os braços cordoens de ouro os dedos ornados de varias, e preciosas joyas de diamantes: em o meyo do peito

sobresalia hum peitilho de graciosa invenção, e adorno: continha dezoito broches, e seis joyas de diamantes.

Ornavão-se os bayxos de tres sayotes; o primeiro galacó de ouro encarnado com bordadura a duas ordens, a este circulavão quatro laços de fita com joya cada hum. O segundo de veludo azul com renda de ouro por laizo. O terceiro com patilha do mesmo.

Calçava meyas de seda carmesim agaloadas; os sapatos de veludo encarnado, agaloados do mesmo, prezos com fivelas de ouro.

Montava em cavallo russo rodado: a sella sobreanca, e bolças de veludo azul bordado de ouro: atavão-lhe as crinas tres laços de fita, cada hum com joya de diamantes no meyo.

Sustentava na mão direita estandarte de damasco carmesim agaloado de ouro; nelle se via pintado hum altar, e um thuriferario com a letra: *In holocaustis offeram tibi cum incenso aurum de Ophir.*

Na esquerda huma tarja com letras de ouro que dizião: *Et tu Asia concors in spem, et gloria persone ejus*, pendialhe das costas capilar de ló de ouro, que suspendião sete laços de filas de ouro, e prata; cada hum se rematava com joya de diamantes.

II. A' mão direita se via o Aplauso que deu a Irmã Antonia Nunes.

Representava esta hum mancebo gentil de ayroza estatura a cavallo: vestia á tragica; mas a cabeça, e peito á Alemôa; guarnecião-lhe toda a cabeça, varios cachos de flores de diamantes; na parte anterior dous broches de eximia grandeza; na posterior coar branco; rematava esta joya de diamantes sobre laços de corloens de ouro: das orelhas, e peito pendião joyas do mesmo.

O peito formado em campo encarnado, guarnecido todo da varias peças de diamantes; fechavão-nas em roda, gracioso invento de cordoens de ouro. Vestia tres sayotes, o primeiro de brocado azul com ramos de ouro, e prata guarnecido de galoens do mesmo. O segundo seda de carmesim. O terceiro da mesma azul, ludo de ouro, e prata guarnecido.

O capilar de ló verde, prezo em laços de fita, e delles dois pendants de cingaria de ouro.

Calçava meyas carmesim bordadas do mesmo, os sapatos de damasco branco, que atavão fivelas de prata. Vestia manguitas de cambray transparente orlados de semelhantes roudas. Sustentava na mão direita huma cythara com as palavras do Propheta: *Laudate eum in cythara*. Na esquerda letra em tarja: *Paulite Deo, qui ascendit super civit ad orientem.*

O cavallo murzelo gineio: tinha á mão direita, e todo o quarto esquerdo mosqueado de branco; a sella, e fazeas do

veludo carmezim bordado n'ouro: as crinas e cauda tecidas de fitaria de prata azul.

III. Seguiu-se a Figura da Alegria acavalo, que deu o Irmão Manoel Alves.

Vestia esta á Franceza; ornava-lhe a cabeça varios brochos de diamantes, e dezasete cachos de pendentes de ouro: vestia preguiça de seda, guarnecida toda de palhetão de ouro: nos braços manguitos de renda em varios folhados cobertos de cordoens de ouro na mão esquerda adufe brincado em circulo de flocos azues, e incarnados, com a letra: *Laudate eum in tympano (a)* na direita, tarja com esta: *Laudate eeli, et exulta terra, cumulatua est Dñs populum suum*: (b) calçava meyas de seda azul, bordadas de prata, rapatos do mesmo.

O cavallo russo ginete: jaezes de veludo carmezim bordado de ouro, e prata: na frente tremolava hum cocar, que pelo vario da cor não dava menor espectáculo á vista, que o demais ornato: as crinas, e cabo interfachados de varia fitaria com pontas perdidas até o chão.

IV. Seguiu-se a Figura da Meditação, que deu o Irmão Antonio Pires de Andrade.

Vestia á tragica: portava sobre a cabeça humta pomba de cujo bico se lia esta letra: *Meditabor ut columba*. (a) firmava esta os pés em broche de eximia grandeza: por ambas as partes, anterior, e posterior, joya de diamantes sahida de hum tope de flores: cingialhe a cabeça por detrás hum, a que chamão dengue de veludo nacarado, trabalhado de ouro ao perfil da agulha, ornado de renda do mesmo, de que pendão quatro canudos de galho trocido: rematava-lhe o cabelo renda de França com pontas perdidas abaxo.

Circulavão-lhe o pescoço tres voltas de finissimo alfofar, das quaes pendia joya de diamantes: o peilo em rumpo encarnado com ramos a ouro de que sahão duas serpentes com tão natural artificio, que a não ser tão vagarozo o empenho da vista, redundaria em a vulgar ignoravela, o reczyn de verdadeira: enlaçadas estas em variedade de flores de ouro, o prata.

Vestia cinco sayotes: o primeiro de brocado azul com ramos de ouro: o segundo de seda verde com malizes do mesmo; o terceiro de seda encarnada, guarnecida a duas ordens de bordadura de ouro, e prata: o quarto de seda amarella tambem ornada de ouro; o ultimo verde, que rematava em barumbazes, o franja de ouro.

Calçava meyas azuis, e botins encarnados, orlados de galho de ouro: nos pés azuis: o capilar de tisso azul de prata com humta cortina de varias cores penejada, pendente abaxo, que rematavão dous jacos com borlas: no meyo destas hum

de filigrana cravado de pedraria de diamantes, de que sobresahião dous cocares com quatro borlins de fin de ouro, em que se rematava todo este ornato.

Vestia nos braços folhagem de renda tomada por regaço em dous broches de diamantes; nos pulços cordoens de ouro; sustentava na mão direita um livro com letras de ouro, que dizia: (a) *Lex tua meditatio mea est*. Na outra em vara de prata hum estandarte de ló, e nelle primorosamente esculpida huma tarje com a letra (b) *Meditatio cordis mei in conspectu tuo semper*.

Cuberta de Cruz de prata immediatamente se via a Irmandade do Patriarca S. Pedro, conduzindo a hum R. Sacerdote revestido custosissima alva, e capela acompanhado de Seroferarios revestidos do mesmo.

V. Depois disto, vinha a Figura do Zélo, data do Irmão José Duarte.

Vestia á Franceza com justillo, e saya verde toda franjada de ouro: circulavão a cabeça varios broches matizados de muitos trementes de ouro, de cujo meyo sahia a Phenix abrazada com a letra nos pés, que dizia: *Zelus domus tue concedit me*. (1) Ornavaõ-lhe o peito tres broches; cingia-lhe de larga fita carmezim enramada de ouro com pontas perdidas, das quaes pendião dous broches: na mão direita espadim; na esquerda tarje com douradas letras, que dizia: (2) *In igne zeli mei locutus sum de reliquis gentibus*.

VI. Figura da Pregação, que deu o Irmão Francisco Telles da Menezes.

Vestia com gentil, e rica proporção, saya de brocado cor de roxa, arlada, de galão de ouro: sustentava capilar de preciosa seda, a quem fechava hum broche de não poucos diamantes no peito em campo azul, oito luzentes broches de diamantes, e varios brincoes de esmeraldas, hums, e outros nascendo de ramos de ouro sobresahidos: sustentava toda esta Oriental pedraria, hum finissimo fração de ouro, que tudo acompanhava pelo interior justillo de veludo carmezim bordado.

Arulava toda esta galhardia rica folhagem de transparentes rendas em os braços prezas por regasso em broches de diamantes; compunhalhe os pulsos engaste de finissimos aljofares; a cabeça ornava variedade de fitas, e casarilhas de prata e ouro, e dellas sahiao varios canudos, de galbarado, e louro cabelo, a quem prendião trementes de diamantes, acompanhadas de especiosissimas rendas: trespassava toda esta formosura de duas flamantes fetas, com letras, que dizia: (a) *In luce sagittarum tuarum ibunt*. Sustentava na sinistra mão humana, cujo theor era (b) *Dominus dabit verbum evangelii omnibus* na dextra vara de prata, em cuja emitencia

pendia ao vento tarja em ló com letra que dizia: (c) *Euntes in mundum predicare*: calçava em eôr de perola as meyas: capaloz de seda branca agalcadas.

VII. Figura do Martyrio, que deu o lumbão Felipe de Santiago Neto.

Vestia de armas brancas: capacete prateado, de que sobrecalhãa ramos de oirol, entres estes o ornavão em gyro quatro broches; do ultimo posterior se ergia um cocar de plumas nevadas, que prendia laço de fita de oirol encarnada com pendentes do mesmo em as pontas: no espaldar do capacete, cravada com cadeya de diamantes: se lia esta inscripção: *Non coronabitur, nisi si qui legitime certaverit.*

No pescoço bucolica de rendas ao antigo modo em gomos ordenada: compunha os braços preciosa folhagem de renda á maneyra de concha.

Na dextra hum aureo sceptro com esta elegante energia:

(a) *Et potentia nemo vicissitum.* Na sinistra graciosa tarje pelos primores de Apelles em doirados caracteres, (b) assim dizia: *Fortitudo, et decor indumentum ejus.*

Posteriormente pendia dos hombros por pendentes de oirol hum capillar encarnado de ramos do mesmo, e em cada hum tope de filaz do mesmo oirol azul, em cujo interior se vião preciosas joyas de diamantes.

Vestia tres fraldosens de damasco carmezim guarnecidos de galim de ouro, e rendas brancas, que ao parecer representavão quinto fraldão. Calçava boteguinaz de camurça com bordadura de prata.

VIII. Figura do Merecimento, que deu Dona Seraphina Bezerra.

Com esplendor não menço, que as mais, se via o Merecimento vestido á tragica; compunha-lhe a cabeça por aperto num trono em acento de prata, e conchas verdes guarnecidas de oirol: nos meyos trementes de diamantes, e mais pedras preciosas, que o adornavão: na frente, e lados do dito formavão huma graciosa confuzão de luzes, variedade de broches de oirol, e diamantes, e mais flores do mesmo, que com variedade nas côres, o ornavão de alto abaixo.

Tambem com portento se vião aos lados dois Serafins, em cujo meyo se formava hum circulo de crystal que continha doze menores com varias reliquias Santas; servindo-lhes de tecto o lummar mayor, artificiosamente feito, sabindo de huma nuvem branca malizada de estrellas de oirol.

Das mãos dos Serafins sahia huma fita carmezim, que formava hum meyo circulo, com este doirado lema: (a) *Tronus ejus sicut Sol.* Posterior a toda esta maravilha, e arteficioza importancia se via huma joya cravada de esmeraldas, e dia-

manos preza em huma flor de fila de ouro com pontas perdidas; ahí mesmo nascendo huma tremulante plumagem azul; e das orelhas dous pendentes de diamantes cravados em ouro. Gingia-lhe a peçaço grugantilha de ouro e diamantes, em meyo hum rocielo do mesmo.

Vestia justillo de veludo azul com ramos, e flores de ouro; no peito fabricado hum coração em chumas abrazado, que deu motivos a suspeita, de ser esta figura pela riqueza por ambos os lados dous ramos, que hião findar sobre os hombros, compostos de flores de ouro, e prata, cravadas de esmeraldas, e diamantes.

Superior ao coração por corou, diadema de muitos diamantes, e pedras preciosas, com tanta naturalidade fingida, que deu motivos a suspeita, de ser esta figura pela riqueza do adorno, entre todas, singular, e vivo theatro de cobiza.

Do cinto para baixo vestia dous fraldosens, o primeiro de liso branco florido de ouro, o segundo de tella verde matizado de ouro, guarnecida em circuito de renda finissima. Calçada de tella azul, meyas carinezinis com quadros de prata. No braço direito sustava escudo de varias cores em assento de prata, e nelle letra, que dizia: *Pugnata cum antiquo serpente*. No sinistro tarja com estus: (a) *Obedimus legi Patrum nostrorum*. Sustentava capillar de seda gemmada, matizada de varias côres, prezo por partes com varias joyas de diamantes, e ouro, que certamente a fazião delibavel, e graciosa objecto de vista.

IX. Figura do Premio, deu o irmão Manuel Barreto, tragicamente vestido seguiu-se a figura do Premio, cuja calça compunha huma custosa caraminhola de galeus de ouro acompanhado de huma coroa de pedradria de diamantes, e muitas preciosas, com luximento tanto, que os mesmos rayos do Sol parecia haver roubado: nella se via tambem em campo esmaltado de azul, hum dourado apigrafe, desta forma: *Passiste in capite ejus coronam*.

Atogavão-lhe o peçaço tres voltas de ardão pendente nella rocielo de diamantes; compunha-lhe o peito fornoza roza de diamantes, e mais joyas do mesmo, em copia tanto, que leonicamente fallando, exaurido ficaria todo o Colecul, e Oriente.

Sustentava nas costas capillar de tella de ouro em campo côr de roza, que ornatava laço de filas, de ouro, e joya. Vestia justillo de liso de ouro encarnado, manguitos de folhagem de renda volante, a quem servião de fechos dous broches. Sustentava na dextra palma de flores, de que era oriunda a letra assim: (a) *Fructus honoris*. Na sinistro braço vistora tarja pelos matizes de ouro, cujo meyo continha a

oanção seguinte: (*b*) *Gloriam, et magnam decorem impones super eam.* Vestia tres fraldões, o primeiro de brocado de ouro encarnado, o segundo de tisso de prata côr de roxo, o terceiro de galassê da mesma azul, todos guarnecidos de galão, e bordadura. Calçava meyas de seda encarnada, bordada de prata: sapatos de veludo agalados de ouro, que atacam fivelas do mesmo.

X. Figura do Anjo da Religião Serafica; deu o Irmão Francisco de Freitas Silva.

Tambem com igual adorno, e tragico aceyo. Hia esta Religioza figura coroada de floyes de ouro, e diamantes, e innumeraveis trementes de ouro: o peito de branco, bordado de ouro: sobresahido, em que se devizavão não sem entendo da cubiça 21 broches de diamantes, de extraordinaria grandeza. Vestia justillo de tella branca, manguios de renda, que alavão laços, e brochas.

Ornavão-lhe os baixos dois fraldões, o primeiro de bordado de prata ornado com franja do mesmo: o segundo de galão de ouro com bordadura. Sustentava capillar de tisso de ouro encarnado; calçava borzeguins de camurça branca, bordados de ouro.

Na dextra não sustentava vâra de prata, e nella pendão de volante branco com as armas da Religião, e letra que dizia: *Religio victima.* No braço esquerdo tarja esmaltada, e nella as palavras do Propheta: *Filli tui de longe venient.* (a).

Todas estas figuras orão polos lados cubertas de innumeraveis Irmãos, regidas por dois Sacerdotes Mculares, Ex-provedores do Patriarca São Pedro.

XI. O convencido Jupiter em figura tirando do Triumphal Carro da Glorioza Martyr Santa Barbara, data do Irmão Manoel Alves Cardozo.

Com tragico asseyo se seguiu a figura desta mentida Faldade, sustentando na cabeça o acrio pondus de huma nuvem desfeita em relampagos, com o dourado molete que exprimia: *Illuxerunt coruscationes.* (b).

Huma bem ornada confuzão de luzes lha sahia da garganta, cauzada de huma especeiza joya, que delle pendia.

Do peito com não menor custo luzia infinita pedraria diamantina, nascida de doze gravissimas joyas. Sustentava capillar de brocado de ouro ligado por joya, e laço de ouro. Vestia tres fraldões: o primeiro de tisso de ouro, guarnecido do mesmo; o segundo de seda azul tambem do mesmo guarnecida; o ultimo de brocado carmezim igualmente parmentado.

Do alto de huma vára de prata na dextra vibrava tres rayos. Na sinistra pendia tarja com o seguinte verso: *Fulgura multiplicavit, et conturbavit eos.* (a)

Da mesma sahia fita, que o carro arrastava, com a letra, que esta neção bem explicava *Benedicite fulgura Dño.* (b) Calceava borzeguins encarnados, bordados de prata.

Forma do carro Triumphal, em que hia a Virgem Martyr Santa Barbara, data dos Irmãos Ignacio de Mello, Luiz Pinto, Felix Vieira.

De nove, e graciosa invenção formado, em campo branco de algalão enramado de oiro, era o carro, que de anilada folhagem de renda, e cascarrilha, novos enlejos ao gosto maquina, nunca cançado pela continuada variedade.

Do centro desta nevada arquitetura em 9 palmos de alto, se erigia huma formosissima torre, de cuja sacuda se via aquella encarcerada, e verginal innocencia que pelo primor e propriedade a celestial compaixão e magoa os animos docemente convidava. Rodava de dous, e della tirava hum soberbo e candido bruto; ricamente ageazado coberto com tellim de damasco encarnado, franjado de ouro. Dentro com Angelico concerto docemente entoavão hymnos, e louvores duas humanas, se bem que melhor dissera celestiaes innocencias ricamente vestidas. Era toda esta triumphal maquina de 18 palmos de comprido e 9 de alto.

Logo, e posterior se seguia a dança de Langra, que capitaniava hum suavissimo toco de charamelas. Constava de 5 figuras: calçavão todas de branco; vestião fraldorns de seda; sobrião-se de chapeos agaloados; gulava-os hum, com quem airoosamente se movião em varios, e diversos trocados.

Carroça de hombro, em que hia a Senhora do Terço, deu o R. P. Manoel Nunes dos Reis, e Luiza da Costa Macedo.

Continha inclusos os varaes, 16 palmos de comprido, e 5 de alto, com 4 de frente. Compunha-se de sedas, e veludos, formados em conchas sobresahidas, e ornadas de galoes, que as fassão distintas da folhagem de renda. A poupa enlaminada, e guarnecida de canotilho de prata, e passamanes de ouro, com borlotas de fio do mesmo pendentes.

Do meyo sahia huma nuvem formada de volante branco alcatifada de flores, adornada de varios Serafins, que na emnencia adoravão a Imperatriz do Cao e terra. Vestia esta manto de veludo azul agaloado de oiro; diadema de prata. Portava palma de riquissimas flores sicilleias. Ornava-lhe o pescoço huma importante joya de diamantes preza por miadas de oiro.

Em coehins de veludo, e forquilhas de prata tão celestial onus toleravão quatro Irmãos revestidos de opas brancas, cobertas por hum, e outro lado de toda a mais Irmandade.

XII. Figura do Amor perfeito, puxando o Carro da Se-

nhora do Bom parto, deu o irmão Francisco Cardozo. Vestia á tragica: cobria-lhe a cabeça capoteo ornado de pedradria preciosa, de cuja posterioridade pendia laço de fitas de ouro e joya de que nascia tremolante plumagem: o peito (se a permittle a lizonja) era humna pedreira de infinitos diamantes. Vestia sayotes de seda azul com bordadura de ouro sobre-sahida: do mesmo era o capillar, que sustentava. Calçava de encarnado, bordado a ouro: çapatos do mesmo. Sustentava no cinto aljava. Na dextra mão fita e nella esta dulcissima inscripção: *Mater*. Na sinistra, larja com esta sequencia: *Pulchra dilectionis* além de hum arco que com valentia empunhava.

CARRO TRIUNFAL.

Da Senhora do Bomparto, data do seu mesmo Juiz, Antonio Pinto de Mendonça, seu Escrivão Felix de Souza e mais Irmãos da Meza.

De 22 palmos de longitude e 11 de altitude se formava por novidade em campo verde, esta prodigioza maquina, toda de ramagem de lala, e florões sobressahidos. Dos tarjões da poupa, e proa se formavão florões, dos quaes sahia hum ramozo embarço, que findava no throno da Immaculada Virgem, a cujos pés hião sentados dous sonoros Orphãos, que com suave melodia cantavão os devidos louvores.

Vestião ambos preguiças de seda verde de ramada de ouro: tocadas as cabeças com diamantes e multos pendentos dos mesmos: aos peitos laços de seda, e joya. Rodava de quatro. Levava na proa humna Aguia, que da Senhora no bico recebia fita com douradas letras, docemente exprimião: *Maria*. Tiravão desta arquiteutura 8 oriundos de Quiné com aceyo ornados, cuja dianteira preocupavão dous Anjos vestidos á tragica, capelas de flores nas cabeças: peitos em acento vermelho com ramagem de ouro: nos braços manguitos de finas rendas. Sustentavão por capillar volante azul ramado de ouro, azas de pennas, com laço, e joya no meyo. Vestião sayotes de sedas de oiro; calçavão de azul bordado de prata, çapatos de veludo azul agaladoo.

Logo se seguia a Cruz de prata de Santo Antonio da Matris com a Charola do mesmo Santo custozamente ornada, pelos infinitos diamantes que continha. Carregavão-na quatro irmãos cobertos do seu Capellão, e mais Irmandade revestidos do novadas opas, e vélas de arratel nas mãos.

Logo tambem a dança, que vulgarmente chamão calhas-trazas: continha oito figuras cuberlas de chapéus agaladoos, e diverça plumagem.

Vestião camizotes de holanda, orlados pelos pescoços, e braços, de cordoens de oiro. Calçavão de veludo negro, meyas brancas, sapatos de camurça, fivelas de prata, bandas de seda. Cobria-se toda esta peripaterica assembléa, por ambos os lados de muitos irmãos. Seguiu-se a Charola de Santa Luiza, e toda a sua Irmandade.

Era de intalha dourada, e ricamente adornada. A Santa deixo de refferir pelo primor já em tantas partes ouvido, que entamente parece incrível, que em lugar de tão limitada oppulencia, se descobrisse tanta copia de oiro, prata, diamantes, e mais pedras preciosas. Seguiu-na o Juiz, e Capellão Ecclesiasticamente revestidos.

Pouco depois se via a graciosa dança de cabouclinhos, composta de nove rapazes Indios do Paiz, ricamente ornados, e nus da cintura para cima ao modo patrio. Cobrião-lhes as cabeças capacetes lavrados de cordoens de oiro matizados de broches de diamantes com tremolante plumagem na parte posterior.

Vestião sayotes de seda, e tizzo de oiro agaloados com rendas, e franjas do mesmo.

Cingião cintoens de oiro em ramagem sahida; os mesmos cingião nos buxos dos braços com carrancas de oiro em varias fórmas. Portavão não poucos cascaveis nos pés, prezos em suas fitas.

Guiavão-se de hum seu similhante, que só defferia na cor, e custo que com diversidade dos mais vestia. Voavalho sobre a cabeça hum Papagayo artificiosamente fingido, com naturalidade.

Varios gyros, e valtas entrecadentes, com passo uniforme, fazião todos pelo centro de hums arcos de sipó, ornados e pintados de varias cores, e penas. Varios gyros digo formavão, a som o compago de hum tamborinho, e gaita, que langida de hum Elhiopa (se bem que não ao nosso modo) não deixava por isso de atrahir attençoens pelo indico modo, com que sabe esta nação portar-se nas occasiõens de suas mayores celebridades.

XIII. Figura do Temor de Deus, que puchava o carro da Senhora da Soledade, deu o irmão Lino Pereira Façanha.

Tambem de tragico paramento se via esta figura, com copia de oiro, e diamantes que deixo de a especificar pelo que se tem já visto, e ouvido das outras antecedentes. Era o peito carmezim, e nelle huma Agula, de que nascião tres broches de diamantes, e outras esquipaçoens, com o orlamente de oiro em hamdolim, que o fazião sem duvida agradável á vista. Os manguihos de renda finissima falhada, prezos umhos com laço, e broche. Os pulços cingidos do cordão de

oiro: sustentava capillar do ló branco de oiro com pependes perdidos do mesmo.

Vestia quatro fraldões, o primeiro, o segundo de galace de prafa, o terceiro, de oiro, o ultimo de seda amarella, franjada do mesmo.

Calçava meyas azues bordadas de prata, çapatos de vellido encarnado agnolado. Na dextra mam fita, que tirava do carro, com letra *Mater*. Na synistra tarja com estoutra: *Et timorâ* (a).

Forma do carro, em que hia a Senhora da Soledade. Data do Juit Marcelino de Souza, e mais Irmãos da Mesa. Dezasete palmos de comprido, onze de alto, cinco de largo continha esta fabrica, guarnecida de ramagem de cera lutos ramos que embarçavão hums, e outros florões, erão nuvraia em campo encarnado, de que saltião varios florões. Os ramos que embarçavão hums, e outros florões, erão matizados de flores de varias côres. Na proa levava humma bem fingida Aguia de matizes de oiro: mais abaixo estava hum florão com quatro ao redor menores, correspondendo aos mais; todos estes hião embarçados de brutesco da meana cera.

No meyo a Senhora sobre nuvem de ló de oiro azul acompanhada de muitos Seraphims de cera. Acompanhavão-na dois sonoros, e pueris Orpheos ricamente ornados, cantando Angelicas louvores.

Rodava de quatro por quem tiravão oito homens negros vestidos de fraldões de damasco guarnecidos de rendas: camizas prezas nos buchos dos braços: nas cabeças gorras encarnadas, e franjadas de oiro.

Seguia-se a Cruz de prata da Senhora do Rosario coberta de seus Irmãos ornados de opas brancas: a Senhora sobre humma Charolla de prata, que descañava em forquilhas do mesmo.

Subsegua-se a esta a da Irmandade do Santissimo, que cubria a figura do Amor Divino, e o carro triunfal, em que hia o mesmo Jesus.

XIV. Figura do Amor Divino tirando do carro do Menino Deus, data do Irmão Luiz dos Santos Barreto.

Com gallardo aspecto, e não menor modestia, representava esta hum Mancebo vestido de branco em forma de Anjo. Ornava-lhe a cabeça humma bem fingida grinalda de flores. Afogavão-lhe o pescoço fios de aljofares, de que pendia rosider de diamantes.

O peito em campo encarnado se via ramagem de prata, circulada de nove, e varias joyas de diamantes todas. Ornava-lhe os baixos fraldins de renda, orlados de floco côr do rosa. Sustentava capillar de seda de oiro, de que pendia laço de fitas do mesmo, e joya de diamantes no meyo.

Vestia manguitos de renda: os braços cobertos de ouro: no esquerdo pendia tarja com esta doirada inscripção: *Laudate pueri Annum*. Na dextra fita carmezim, que tirava do carro o nella outra, que dizia: *Sit nomen Añi benedictum*.

Forma do carro do Menino Deus, dada dos Irmãos Antonio Cardozo, Manoel Gonçalves, Felix Vieira e Manoel do Nascimento.

De dezasete palmos de comprido, sinco de largo com ornato de varias cores, e sedas se offerecia aos olhos esta soberba maquina, que para leonizar o custoso ornato, e dispendio, comque se mostrou liberal a devoção dos dantes, concidera-se brevemente hum promontorio de sedas, infinitos galoens de ouro, e prata, e outras graciosas invençoens, que soube esculpturar a arte para lizonjas da natureza.

Portava dois innocentes orpheos, que em suas mesmas vozes por obsequio do Glorioso Martyr, louvores entoavão a Deos Menino. Vestião-se com não menos custo, que já nas demais figuras temos dito. Era-lhes ornato, preguiças de sedas do ouro, toucadas de varias joyas, e pendentes de diamantes, que tambem se vião em muitas partes do corpo por adorno acompanhando este luzido chaos, variedade de galoens e rendas.

Não descrevemos as perfeiçãos da Puiril Divindade, porque deixo na devoção prudente do Leitoe, o credito de seu valor, e custo: nem sey que sejam para refferir primores feitos daquelle, cujos naturaes confessa a Igreja são dos mesmos Ceos invejados, assim deixo na mudez do silencio a expressão mais elegante.

Tiravão do sobredito carro quatro homens pretos com acyco vestidos. Cobrião-lhes as cabeças triumphas á mourisca com laços de fitas, e pontas perdidas na parte posterior. Cobria este carro a Irmandade do Santissimo da Freguezia em numero mais de quarenta, guiados da sua Cruz, cerofearios de prata, todos com vélas de arratel nas mãos: acompanhando tambem em guarda do carro dois Irmãos com capas brancas: logo depois o Presidente com vara de prata, acompanhando de seu Capelão revestido de pluvial de bordado.

Logo immediata a esta luzida assemblen, a som de hum bello instrumento dançava humna famosa Agita, panejada toda de branco, cuja chorou incitava tocando hum Manebo vestido, e calçado de veludo mesclado. Calçava mayas de es-carlato, çapatos, e fivellas de prata. Cobria-lhe a cabeça, o chapéo agalado com bordadura de ouro, tremolando finissima, e encarnada plumagem.

Pouco depois humna Hydra de sete cabeças, escamoza de negro em campo verde. Continha esta Herculeo monstro, que

o Lerneo limitava. quatorze palmos de alto, de largo nove; acompanhava-o o seu vencedor Hercules, vestido de berno agalado de prata. Cobria-lhe a cabeça huma carranca de tigre dourada, e dentada de prata: a lingua flameante, de cuja posterioridade nascia fina plumagem com laço de fitas de oiro no tope; no meyo joya de diamantes.

Calcava borzeguins encarnados enrramados de prata.

Sustentava na esquerda luzida adargua; na direita florete de prata; donde com bellico arremedo dançavão mui certos a som do instrumentos, que lhes tangia hum, vestido de veludo e chapeo agalado, e pluçado. meyas cõr de nacar, e çapatos brancos.

XV. Figura do Conhecimento de Deos, que tirava do Navio a Senhora do Livramento, data do Irmão Antonio N.

Vestia á tragica a saber, Justillo, sayotes, capillar de tisso de oiro encarnado á mourisca. Cobria-lhe a cabeça turbante, e nelle caquida plumagem, no pé tope de galão de oiro com pontas abaixo, cujo meyo occupava huma joya de finissimas esmeraldas.

A' maneira de conchas se formavão os sayotes em roda, guarnecidos de franção de oiro em bambolins. Tambem em tragica forma vestia pello ornado de oiro, e varios broches de diamantes em campo cõr de roza; regassavão-se os fraldosens de topes de oiro, e rendas finissimas. Afogava-lhe o pescoço bucolica de rendas em forma de canudos. Do capillar pendia por adereço voiante de ló branco guarnecido de franção de ouro: tópe do mesmo, de que sahião pependentes quatro pontas, e nellas borlotas de ouro.

Calcava botins á mourisca bordados de prata. Sustentava no braço esquerdo huma hem esculpida tarja com aurea letra, que assim dizia: *Et agitationis*. Na mão direita tirava de huma fita cõr de roza, e nella o doce, e dourado apellido: *Mater*.

Forma da Nau, ou Fragata em que hia a Senhora do Livramento, data dos Irmãos, o Capitão Antonio Rodrigues, José da Conceição, Francisco Xavier e João Soares Leonel.

Com 14 palmos de quilha, 5 de boca, rodante de 4 admirava a vista este novo, e gracioso invento: nelle se vião todas as partes constitutivas de hum Navio: jardim, camera, e varandas: composto todo de cera lavrada em raios com muitas carrancas nas obras mortas. Nas portas das corredças sahião duas coarlinhas de prata tão abundantes de flores, que pela variedade nellas despejndo parecia ter Amalthoa os vencidos despojos do seu adorado Acheloo.

Huma marinha cantora do Egeo lhe occupava a proa com primoroso adereço adornada, sustentando na cabeça hum açafate de flores, verdadeiro compendio de Abril, e por del-

sarnos em fim prolixidades já tantas vezes referidas, do que com incrível, nunca visto dispendio, se louvarão os Pardos, tanto reala, como em todas as occasiões, diremos levemente o que continha, ou que cargo portava esta Argonica maravilha.

Humna nuvem de celestes Parimphos sobre a camera sustentavão a Senhora do Livramento, tão ricamente vestida, que por haver então perdido o ouro, e a prata o luzimento á vista da mãy da formozura, deixou de ajudadamente ponderar o valor, e custo de suas roupas; pois he certo, que quando as cousas excedem os limites da humana comprehensão, mais elegante narrativa he o silencio. Dous fingidos Anjos (se bem que reaes pela innocencia) em applauso de Gonçalo, louvores entoavão á Senhora com muy acorde e suave melodia. Vestião estes á Franceza, a saber, perguiças de seda, joyas de ouro, e diamantes com admiração custozas. Em vara de prata pela parte posterior, tremolante ao vento, e maxamente ondado, pendia o estandarte, em que se vião tarjadas com prinzor, as suas mesmas armas.

Tiravão deste carro, ou navio 8 nascionaes de Guiné vestidos de branco: nos braços laços de fitas encarnadas, que lhes prendião as mangas em regaço.

Vestião sayotes de renda: cobria-lhes a cabeça mitrôlas encarnadas, frizadas de ouro, e tetras nellas, que dizião: *Livramento*. Cobrião-se de seus mesmos Irmãos, e Capellão revestido de pluvial de damasco de ouro encarnado.

Seguia-se a celobre, e plausível dança chamada de *Qui-cumbiz*.

De 13 figuras, que pouco depois se vião, constava esta zocozza peripatessia: vestião todos de veludo negro, posto se divorificavão nos sayotes; porque hums os tinham de seda, outros de boreado, outros de galacé, todos agaloados de ouro, e prata. Não he possível, sem enfado, narrar a superabundancia de ouro, e prata, e diamantes, que para todo este celebre, inda não visto dispendio, se acharão: pois, se para exagerar a copioza abundancia, com que a enamorada Sabá galanteava ao sabio Rey, diz a sagrada Pagina, que exaurida a Arabia, outro tanto de aroma se não vira; não parece de espantar excessos tão pela superioridade, sobejos em sujeitos tão mal herdados; pois estes, sendo, não só baixos por accidenta, como pobres por nascimento, senão (o que mais he) sujeitos de liberdade, se hajão, não só nesta, como em todas as açcoens, com animo Alexandrino, que parece fioar escaurimentada a fortuna em a parca distribuição de seus bens pelo inimitavel.

Vestião omnes da largura de hum oouto, todos cobertos de botões de ouro, e ramagem de cordões do mesmo. Os pés, pescoços, e braços se ornavão da mesma forma. Não menos

luzidos erão os bonettes, ou marlotas pelo innumero dos diamantes, como pelo candor dos martinetes, e plumas, que sobre as cabeças tremolavão.

Calçavão meyas de seda negra, çapatos de pala, e saltos de marroquim, e outros de veludo, atados com fivelas do ouro, e prata. Compunhão-lhe as costas, riquissimas copas de cauda de damasco carmezim franjado de ouro, sustentadas por borlas do mesmo.

A cada hum destes rapazes na idade, e semelhantes na côr, acompanhavão outros tantos na occupação de caudatarios, ornados tambem com caprichoso aceyo, a saber: sayotes de seda, e finas rendas. Enlaçavão-lhe os pescoços, cintas, e iraços voltas de coraes, e cordões de ouro, como tambem os pés de donde pendia huma harmonioza confuzão de cascavais.

Destes se diversificava o Guja pela camiza, que além de ser de ló negro, era tambem matizada de joyas de diamantes, e flores, arrendada toda de ouro. Cobria-lhe a cabeça huma prateada carranca por divisa, adornada de muitos pendentes de ouro, e finissimos diamantes. Posteriormente ornava-se de hum tópe de fitas, e soberba plumagem. Vestia 3 fraldões o primeiro de boreado de ouro carmezim, o segundo de seda encarnada de ouro, o ultimo de finissimas rendas. A som de violas, e pandeiros, cantando, e dançando, ao modo Ethiopico, louvores entoavão ao Santo Gonçalo, que certamente era este hum dos espectadores mais celebres, e sonoros, que continha todo este festival triumpho: *muyta mayor graça* recebia por hum gentilico instrumento chamado vulgarmente *marimbas*, que capitaneando tangia com notavel acerto, hum desmarcado negro ornado, e vestido de sayotes de renda, tendo enlaçado todo o corpo de cordões de ouro, e coraes, a que para o desta nação he a entidade, que creou a natureza de mais valor.

Com suavissima consonancia, e recreyo dos ouvidos pouco depòs se vião tres flautistas: vestião camisas finas de renda, fraldões da mesma, e do damasco carmezim. Cobrião-lhas as cabeças mitrôlas vermelhas.

XVI. Figura da Caridade, que puchava o triumphal carro em que hia o Glorioso Marlyr: data da Irmã Antonia Quaresma.

De juvenil aspecto, e formozura representava a Caridade hum gracioso moço de vestido de preguiça de seda carmezim enramada de branco, matizada de prata, e guarneçida de ouro por baixo a duas ordens. Ornava-lhe a cabeça grande copia de broches, flores, e tremetes de ouro, e diamantes. Sobre toda esta diamantina maquina via-se hum inflammado coraçõ, e sobre elle hum braço com gomil, como quem lhe lançava agoa, com a seguinte letra. *Aquæ multe non potuerunt exstinguere Charitatem.*

Das orelhas, e pescoço prendião também finissimos diamantes. Ornava-lhe o peito até o hombro esquerdo huma florida ramagem de rozas de Alexandria, cujo pé occupava hum grande broche sobre laço de galoens. Vestia manguios de renda finissima, em cada hum laço de floco côr de nacar, e broche de diamantes: tendo também os pulsos cobertos do cordões.

Portava na mam direita fita carmezim com letras de oiro que dizião: *Ordinavit in me Charitatem*. Calçava meyas, e çapatos de seda carmezim bordados de oiro e prata.

XVII. Figura da Fé: data da irmã Maria Aranha, que também tirava do carro do Santo Martyr.

Com symbolico accordo vendarão a esta figura os olhos; pois sem duvida immediata pertencer pareço aos ouvidos mais, que aos olhos, a fé; como queria o Apostolo naquelle do pouco que era acreditado; e isto mesmo beatifica o Redemptor na reprehensão do incredulo Thomé: *Quia vidisti me Thoma credidisti: beati non viderunt, et crediderunt*.

Vestia roupa de borcado branco ramado de oiro guardado de bordura do mesmo por baixo. Preciosamente toucava-lhe a cabeça innumera copia de diamantes, rendas finissimas, e varios cachos de flores de oiro; e sobre isto hum caliz do cujo pé tremolava a letra, que de oiro assim dizia: *Mysterium fidei*.

Das orelhas, e pescoço pendião bríncos de diamantes, e afogador de esmeraldas cravadas em oiro. No peito sobre laço de galoens do mesmo sobrealhia huma custozza joya de diamantes.

Vestia manguios de renda, em duplicada folhagem. Cingia os pulços de cordoens de oiro, e aljofares. Sustentava na sinistra mam vistozza tarja esmaltada de cores varias com letras de oiro; que dizião: *Fides ex auditu*. Na doxta, fita que tirava do carro com outras do mesmo: *Oculi tui respiciunt fidem*. Calçava meyas de seda côr de perola, e çapatos de tela branca.

CARRO TRIUNFAL EM QUE HIA O GLORIOZO MARTYR

Impossivel parece á minha penna pela debilidade do seus voos proromper os encomios, inda hyperbolicos, desta prodigioza maquina, verdadeiro pasmo para os prezentes, inveja dos preteritos, e inemittavel pragmatica da posteridade,

que só ficarla inteiramente satisfeita se cahindo em o seyo do silencio tomasse de muda o mais polido aparo, e de ignorante o mais discreto rasgo; porém como os principios só se estimão felices quando o cuidadozo disvélo organiza os meyo para o logro de bons fins; discreditou fora dos principios desta Triunfal Summa faltar-lhe a final execução; motivos, que só me obrigarão a laconicamente dizer desta oitava Pernambucana maravilha alguma couza.

De 28 palmos de comprimento, 17 de alto constava esta, contendo em adorno 533 covados de seda de oiro de varias cores feita em conchas, que toda o circulava em varias cintas, das quaes a primeira se orlava de galão de oiro nimiamente largo, que acompanhada de 6 quartões, e outros tantos florens se guarnecia todo assim, desde a proa até a poupa, que além de serem oriados do mesmo galão de oiro formavão hotoens de galacé de prata.

Tambem se ornava todo o corpo do carro por banda com 3 florens, e huma concha que lhe enchia os campos conforme a altura, e comprimento: a saber; de galacé de prata verdemar com malizes de encarnado, de cujo meyo sobrezaha botão de seda amarella de ouro; no campo, que hia das rodas the as cochas da primeira cinta, formava huma grade de seda amarella de ouro, com outra dentro menor do veludo azul. Junto á proa formava outro florão de liço de ouro todo crespo acentado em campo de seda do mesmo côr de roza, de cujo meyo sahia botão de seda azul ramada de ouro. Na proa sobre as primeiras rodas se via outro florão de seda azul.

Compunha-lhe a proa sobre damasco amarello huma concha de veludo azul guarnecida de galão, e franjas de oiro, de que pendião duas pontas grandes de liço do mesmo azul, arregaçados de ambos os lados, pendendo delles por boa ordem outro franção de oiro, e borlas do mesmo. Ultimamente voltando sobre as primeiras rodas formava outro florão de seda verde de oiro com botão encarnado, malizado do mesmo. Subindo a poupa fazia huma alcaxofra de veludo azul, cujo meyo occupava hum cogolho de seda de ouro encarnada, oriado de galão do mesmo; o demais campo composto de sedas lisas até ao trono do Santo Martyr: dahi por toda a volta da poupa se vião varios florins de seda de ouro cujos meyo, e lados occupava seda liza. Cobria a volta da poupa veludo verde passado de fio de ouro, até o fim do quartão sobre o qual formava tulipa de veludo azul bordado de ouro, de que nascião humas pontas de galacé do mesmo pendente com borlas de fio de ouro.

Tiravão desta portentosa machina dous cavallos ruços pombos cobertos de mantas do tafeté verde mar bordadas do prata, orladas de galão da mesma a duas ordens, e em cada huma pendião 6 bolotas de fio de ouro. Portavão sobreancas de veludo bordado em prata: as crines em fitas de varias côres bem trançadas, das quaes formavão laços em os remates, e nos meyos sahião 4 laços de fitas de ouro encarnadas: as cabeçadas de veludo carmezim com pregaria dourada, e nellas da parte de fóra em cada cavallo topes de fitas com pontas perdidas.

Tramolavão nas frentes plumagens brancas, e pretas sobre laços de fitas de ouro azul, de cujo meyo sahião dous broches de diamantes. Ornávão-lhes os pés, e mãos laços de fita encarnada.

Gujavão a estes dous homens pretos ornados á tragica: cobrião-lhes as cabeças dourados capacetes com plumas, e cocares brancos, que remalavão laços de fitas: vestião camizas crespas: pendião-lhes dos hombros laços de fitas, e bolotas do ouro: cingião-se de bandes de ceda, tendo os pescoços afogados do mesmo: vestião 3 faldões de ceda; o primeiro encarnado, o segundo côr de ouro, o ultimo branco: calçavão de camurça branca, meyas finas, fivellas de prata.

Cobria esta oitava maravilha a Irmandade da caza por ambos os lados: logo a do Patriarc S. Pedro, que ordenavão Sacerdotes revestidos de sobrepelizes, com cera de dous arroteis em as mãos; e destas continuavão, os que hiam de pluvias em numero de 28. subseguio-se logo 8. de dalmaticas, outros tantos revestidos do mesmo, a saber 4. de thuribulos, e 4. de navetas.

Carrogavão as varas do palio, que erão de prata, os Irmãos do S. Pedro seculares, entre os quaes hia alternada a Comunidade dos R. R. Franciscanos com cera de arratel nas mãos.

Portava o Santissimo Sacramento o R. Provedor da dita Irmandade revestido de pluvial de tiço de ouro carmezim franjado do mesmo, super humerario de tiço de prata em campo branco, franjado, e bordado do mesmo.

Forma do altar, que deu o Irmão Manoel dos Santos, e Francisco Correya, em que descansou o Santissimo.

Constava de 3. faças, e 3. frentes de damasco carmezim se formava tribuna em degraos de bojo, ornados de papéis com todo o primor pintados, que ao parecer representavão a mais brilhante tella; sobre elles formava pavilhão de damasco amarello, e nelle colocado o Glorioso Martyr S. Gonçalo Garcia. Ornávão os degraos da tribuna 25. fogos de arratel em castiças de prata: entre estes, preciosos ramalhetes, e

muitos vasos de prata com flores de varias castas, que tambem pelo cheiro dispersas despendião singular fragancia.

Outro, que deo para o mesmo effeito o irmão João Lobato o Caelano Alemão.

Foi este formado em huma parede, continha de alto 60 palmos, e de largo 50. A parede, que servia de espaldar toda forrada de damasco carmezim: a banca, que servia de altar tinha 25 palmos de comprimento sobre ella formada tribuna de 5 degraos ornados de riquissimos papeis. Ardão 58 fogos de arratel, em outros tantos castiçoes de prata.

O frontal da tábua branca franjada de ouro, cubertas as paredes por ambos os lados de colchas de damasco.

Tinha palmos fora do altar formava pavilhão de damasco carmezim franjado de ouro, no qual estava colocado o Glorioso Martyr em nicho com cortinas de veludo carmezim franja do mesmo. Depois que passou a proceissão orou com a costumada eloquencia o Doutor João Luiz Bravo.

FORMADA DA CAVALHADA

No dia segunda feira 13. de Setembro se fez a primeira cavallada ordenada á custa da Irmandade da Senhora de Guadalupe da Cidade Olinda em o territorio do palacio sufficiente lugar para tão illustre, e custosa celebridade não pelo palacio dos Governadores do Paiz; mas tambem pelo magnifico Convento das Religiozas Franciscanas, de que está sociado. Neste, como digo se fabricarão duas custozas, e bem paramentadas barraças; em o lado direito da carreira se formou huma em altura de 3 degraos porque se sobia ao cobrado, que tinha de frente 24 palmos, o de fundo 16.

Na frente formava sacada, e nella 5. arcos, 3 na face, e 2, nos lados, com escadas por banda, que respondião aos arcos dos lados, guarnecidas de primorosa pintura. Do fundo se elevavão duas vistozas torres ornadas com suas simalhas, tudo de vivissima pintura com a mayor naturalidade, que podia ser, o que tudo rematavão duas inquietas grimpas.

Pelo interior se via toda guarnecida de colchas de damasco carmezim, e amarello, tanto pelos lados, e fundo, como pelo tecto; compoendo os arcos pela parte de dentro com cortinados de damasco, franjado de ouro, ao que correspondia. A tapessaria riquissima, que ornava o pavimento. No meyo da sacada se via hum bufete coberto de damasco carmezim, e sobre elle salvas de prata, em que estavão argolas da mesma, que se haviam de correr. Outra mesa ou bufete de semelhante adorno se via, e nelle fructeiros de

prata, em que estavam os premios para os vencedores, que erão innumeridade de fita de ouro, e prata, pastamanos, luvas, e meyas de seda singularissimas e outros muitos premios que aos vencedores se oblatavão a juizo de tres julgadores, que em outros tantas cadeiras de espaldas, em circuito do bofele se sentavão para conferir os meritos de cada hum.

Outra barraca na parte esquerda se formou não menos custoza, que a primeira, se bem, que na grandeza differente; porque continha 22, palmos de frente, 18, de fundo e 5. areas no meio desta, pelo interior estava huma riquissima copa de prata; no pé dela (parese proximidade descrevelo) variedade de docas, fructas, e bebidas, que para recreyo dos cavalheiros offerencia a prodiga liberalidade dos dantes, que quanto mais pobres, a limitados nas posses; então mais liberaes para o Divino culto, e amor do Santo Martyr.

Aqui se achava tambem para laurel do vencedor a sonora, e bem acorde musica do mestre da capella da Sé com multiplicidade de instrumentos, a cuja sonora melodia intoaão os melhores Orpheos da terra varias sonatas, e letras.

A's tres horas da tarde solhirão ao palacio a dar ventá ao General Governador os Julgadores, o Sargento Mayor Affonso de Albuquerque, o Capitão João Paes, e o Capitão João Marinho Falcão, pessoas de distincão no Paiz; do que atencioso, como sempre, o General lhes offeriou a Infantaria, que no palacio se achava, o que com muita reverencia, e submissão asseilarão; recolhidos a barraca da judicatura, mandarão alguns dos soldados em acomodação do vulgo, que sem molestia não poderia numeralo alguém.

A estas mesmas horas da tarde, se ajuntarão na porta, ou pateo do Livramento 10. fortissimos cavalleiros, vestidos de branco, canhoens, e alamares pretos, que de cazas, e abotadura lhes servia: e cohrão-se de chapéos de tremolante encarnada plumagem, em cujo pé se via joya com vezes de bofele; erão as vestias, bandas, e calçoens de varias cores; bolins de camurça branca. Armavão-se de hastas verdes, e vislozas adargas na pintura, em que se lião diversos epitetos.

Montavão nos melhores, e mais arrugantes cavalos do Paiz, varios nas cores: celas, jinetas, caprazoens brancos, xayreis encarnados guarnecidos de galão de prata a duas ordens, cabeçadas, e redias do tafelá carmezim, e amarilli, lopes de fitas nas frentes, tomadas as crines de fitarin de varias cores.

Puzerão-se em marcha precedendo-os dous ternos de charamelas, clarins, e mais instrumentos belicos, com os quaes precedião tambem as graciosas danças de Langra, Cahafaelos, Columis, e Quicumbis. Acompanhava a cada hum

seu pagem, que levavão os brutos a dextra. Continuavão huns, aos outros em parelha de dous até ao numero de sinco, brincando em os brutos com tão singular compostura, e ordeni que parecia dar-se em o irracional, o racional unido juntamente.

Chegados ao territorio do palacio, em que estava o Governador assistido dos Prelados das Religioens, e mais nobrez da terra, fizeram as costumadas venias, segundo a ordem equestre: logo aos julgadores, o mais povo, que prezento estava: apostarão os candieiros.

Logo sahiu da barraca dos julgadores hum volantim com salva de prain, e nella cordão de varias cores, com que passados os candieiros, lho inflarão guerra de prata, e derão principio a igualdade das parelhas: depois veyo o Volantim da salva de prata, e nella argola do mesmo; o que se continuou em todas as mais, que se puzerão do mesmo feitio.

Armados como já dissemos, enreeo o primeiro cavalleiro com grande ar, e graça, e levou a argola, que offerceeo ao General Governador, o que fizeram todos das que tiravão em duas carreiras, que a cada hum coube; offerlando todos ao General, este as offerceia ás pessoas de mayor graduacão: açção, que se praticou nos dous seguintes dias.

Tiradas as duas lanças, forão todos á barraca dos julgadores, e postos em fileira, os forão estes a cada hum louvando, e premiando, e com vantagem a Antonio Alvres, que entre todos ganhou o premio de barraqueiro, e mantlnador: hahi se forão apeiar todos á barraca destinada para os ventureros, donde sentados se brindarão mutuamente de tudo quanto com magnificencia estava exposto, em cujo tempo não sessava a musica.

Concluida esta açção, que não podin ser melhor, se montarão todos, e derão principio ás justas com alcanzias em galharda ordem: depois fizeram justa simplex em ala cobertos de lança, e adarga: por ultimo correrão parelhas, passando as lanças com muita destreza por cima da corda, tudo a som de clarins, e trompas, e mais bellicos instrumentos; e concluirão com as venias, que montados com notavel destreza fizeram ao General Governador, julgadores, e mais auditorio: continuando todos em marcha, forão apoentar ao barraqueiro, e mantlnador a sua caça.

No segundo dia ás 3. da tarde se ajuntarão no mesmo pateo do Livramento, e continuando a marcha por ordem, procedendo como disse os instrumentos, vinha a todos posterior o barraqueiro, logo o padrinho, que lhe portava a lança, e na adargua escrito o partido para os aventureiros. Chegados ao curro, fizeram alto: foi o padrinho do mantlnador pedir venia ao General para se recolherem á barraca: sabindo

o mantinador se foi ao General, e julgadores, e feita a ventura não só de chapeo, mas ainda pelos maravilhosos arrojos do formoso bruto, se recolheu á barraca com universal aclamação do vulgo, que com dezentoadas vozes o aplaudia.

Logo sahio ao curro hum mui atroso cavaleiro, que vindo-se ao General lhe fez saber, que elle se achava no campo aventureiro, e assim fosse Sua Excellencia servido conceder-lhe o proseguir os lances da ventura, o que benignamente concedido, se foi aos Juizes, os quaes o enviarão ao mantinador, que promptamente aceitou o desafio, e montado em soberbo, e veloz cavallo, coberto de padrinho, medlo o curro, e na partida lhe deu o padrinho a lança, e heijandos, partio com todos os primores da arte, e pessoal compostura, levou a argola, o que tambem fez na segunda partida com felicidade não vista, e vivas universaes. Com não menor felicidade correo o aventureiro por duas vezes com os devidos primores, e compostura; o que visto pelos Juizes, ficou o mantinador na antiga posse, recolhendo-se á tenda acompanhado de marciaes instrumentos.

No mesmo partido correo o segundo aventureiro, e pelo primor da arte, com que tirou a lança se julgou merecer a barraca, na qual intruzo, se banquetearão; alternada, e mutuamente, o que tudo acompanhava a muzica. Pouco depois se lhe fez saber, que se achava no campo outro aventureiro, e aceitando o desafio de huma lança, tirada esta, se ficou o mantinador na antiga posse, pela igual compostura, e primor, comque correo. Terceiro, e ultimo cavaleiro se nehou logo no campo aventureiro, do que fazendo-se parte ao mantinador, tiradas as lanças, ficou vencedor o aventureiro com o premio de barraqueiro.

Concluido o acto, á postera lembrança huma perpetua continuação pelo desejo insaciavel de que estavão os povos, entrarão ás justas das alcantias e por ultimo ás escaramuças cobertos todos de lança, e adarga fazião passagens de outava, e por este tempo não cessavão os helicos instrumentos, a cujo som se fazião as venias ao Governador, que as recebia com muita urbanidade, e agrado, como tambem aos julgadores, e mais povo.

Esta foi em summa a cavalhada, que pelo modo possivel pude laconizar para perpetuo laurel dos homens Pardos, de qua se não lembrão os mais antigos haverem succedido outras de mais custo, capricho, e accejo; pois a argola, que por qualquer accidente calha, incumbia a sua posseção á rapaziada, que no curro se achava, do donde procedeo o cazo, que para maior do Santo referiremos.

Succedeo pois, que a tempo que curria veloz hum cavaleiro atravessava hum menino o curro, e tomando o cavallo

entre as mãos, e pés, se suppoz em pedaços: mas acodindo a elle alguns dos circunstantes com a dor, que por concolução podia cruzar llo infausto successo, o acharão sem leção alguma, do que resultou duplicado contentamento ao povo, honra ao Santo, e gloria a Deos, que nunca para os seus Santos perde occasião de se ostentar admiravel como conta a Igreja *Mirabilia Deus in Sanctis suis.*

Isto se observou com admiração insolita; porque concorrendo de todos os suburbios desta Praça por mais de 20. leguas muitos homens, e mulheres, não consta, que nem á vinda, nem á hida acontecesse successo algum infausto, o que raras vezes se vê em povo tumultuado, favor, que só se attribuiu á Divina bondade, além de outros, que calamos acontecidos em os dias das festas do Santo Martyr.

Mas como o Inimigo da paz, e da concordia não podia tolerar tanta consonancia, não permitiu se concluíssem estas maravilhozas festas com successo, ainda que não foi com fracazo memoravel, como costuma muy de graça; ao menos pelo que a liberalidade dos animos com excesso estava despellido: todavia se fez sensivel, por não chegarem a sahir á luz as comedias, que para trez dias com inorível primor, e dispendio eslavão determinadas em o Palacio do General Governador.

TITULOS DAS COMEDIAS

*La fiança satisfeza — No ay Reino como de Dios — Ator.
e Aquiles*

Prezente innumerazo povo, toda a nobreza da terra, e pessoas de maior cathogoria, nos quoes todos escandalizou hum inopinado excesso do zelo, que no Pernambuco Paiz sem remedio se vê ás portas do templo collocado em Religiosos, e Ecclesiasticos paramentos rebuçado, mostrando no exterior pretexto apparencias de zelozo, quando na intima realidade se vê em publico trono exposto por cobiza, e avareza, em cujo circulo estão outros muitos com singular familiaridade, e idolatra adoração abastados com excesso: como lamenta Ozeas: *Dives effectus sum, inventi idolum mihi: avaritia idolorum servitus.*

Esta foi curioso Leitor a festividade mais rija, que segundo a opinião mais ajustada ha muito se viu em o Pernambuco Paiz, de que serão eternas as memorias, como longos forão os impedimentos, e sem limite os dispendios; fazendo-se pelo orbe todo decantadas, mais pelos voluntarios excessos da liberalidade, quo pelas calumnias padecidas; de que estão certos os Pardos rezultará na posteridade (segundo o Poeta) inexplicavel jubilo, e contentamento. *For sitan hoc olim nobis meminisse jucabit.*

Não expendo os successos com a individuação circunstante, que dezempenhada vay na credibilidade de cada hum os defeitos da minha lembrança, e rudeza; pois creyo não hirá lão ajustada com a verdade, não pelo interno dezojo, que me preocupa o animo; mas porque me urge a brevidade do tempo os progressos desta humilde narrativa a luz; pois confesso, que a não emprehendi para engrossar os meatos da fantasia indiscreta; mas sim para vingança do cordeal affecto, e impaciencia, comque via fazerem sepultadas em as cinzas do esquecimento, as acçoens mais decantadas, e os estudos mais plauziveis do Orador Panegirico Fr. Antonio da Santa Maria Jaboalão; levando com enferma tolerancia as queixas desta doulou, e justificado Religioso, com razoens iguaes ás do Paralitico, de que trata, e diz o Sagrado Evangelho, que todo o fundamento de sua enfermidade era a indigencia pestifera de quem todos, como de peste arrenegão, segundo Oveno.

Hanc tamen utpestem plurima turba fugit.

Mas eu cuído, que da sobejo abundancia, em que vive (isto he, partes para ser querido e levado ao mais alto solio, e dignidades da Igreja) nasce a pouca attenção, que delle tem os seus, além de outros circunstantes &c. andando sempre entre sujos dentes de esbula murmuração, sem razão alguma nauzeando malvisto, e injustamente abhorrecido, de quem parece propriamente fallar o Pontico Sisne na sua Metamorfose.

*Pallor in ore sedet, macies in corpore toto,
Nusquam recta acies, livent rubigine dentes,
Pectora felle virent, lingua est suffusa veneno.*

Vendo a muitos antepostos sem razão; devendo fazer em o esterquilino do esquecimento como em outro tempo profeticamente cantou Juvenal.

Dat ventam cordis, vexat sensura columbas.

A primeira, e ultima cauza, que me fez pegar na penna, he a divida obrigação, e affecto, em que estou ao dito Santo

Martyr por hum particular favor por sua intercessão de Deos recobido, do que espero a continuação.

Alegrem-se pois os hominis Pardos de verem já affluídos seus piedozos dezejos: alegrem-se, se he, que neste valle de lagrimas se dão alegrias, o reudão a Deos, e á Seráfica Religião as graças do lhes haver por hum filho seu enchugado as lagrimas de tantos annos, que agora vem com incrível consolação salvos os seus suspiros, o prantos pelo ventre desta Sagrada Religião Minorita, como arca do diluvio encahada nas prayas da felicidade já socegados os abismos do passado diluvio, do que tudo, parece falou ao ponto o desterrado de Ponto.

*Omnia pontuserat. de erant quoque littora ponto,
Occupat hic collem cymba sedet alter adunca,
Et ducit remos illic, ubi nuper errat.*

Que como arca secundissima, em quo reçoilho Deos a preciosidade do perdido mundo para plantar em as novas, o frescas terras da Igreja produz para os trabalhadores da vinha do mundo huma variedade de frutas, em Santos do diversos accidentes; a saber, Brancos, Pretos, e Pardos, como parece estar ao vivo fallando em continuação ao mesmo Poeta, posto que em diversa materia.

*Nam lupus inter oves. fulvos vehit unda leones:
Que sitique dñi terris, ubi sistere possit,
In mare lassatis volueris vago didicit alis.*

Não ha trabalho, nem molestia, que á vista do huma bem lograda esperanza não admitta alivios. Trabalha a mulher nas incertas esperanças de hum parto, e fluctuando em as ondas da sua desconsolação todo o alivio fia do bom successo do parto, e quando já tem diante de si a leara prole, então esquecida das passadas amarguras, ao Autor da natureza louva com jubilos inexplotáveis.

Em os breves instantes de huma hora, de boa vontade perde o navegante a mercadoria de tantos annos com incrível trabalho grangeada; só porque aliviado o breado lenho, veja com fausto successo as prayas, a que o encaminhou tanta cohiça, o respilando das preteritas calamidades, o mayor trabalho estima por socego, a mayor ancia em suavidade, duçura. A' vista pois destas, e outras semelhantes; alegrem-se os homenis Pardos de ver bem negociada a mercadoria dos seus santos, e fervorozos desejos, que á custa de tantas lagrimas, e calumnias com intrepido valor arriscarão. Pelo achado bem de hum Santo da sua côr, e accidente podem dar por felizes os dispendios, sempre incomparaveis ás suas li-

mitadas rendas com a immorttal felicidade de primeiros na America, polo q. sejão a Deos, a Sua Santissima Mãe, e á Serafica Religião eternos louvores dados.

FINIS LANS DEO,

Virginique M.

DESCRIPÇAM METRICA

Da vida, e martyrio do Glorioso Martyr S. Gonçalo Garcia Pelo Xafariz, que no Pateo do Livramento, fabricarão o Capitão José Rebelto de Vasconcellos, e o R. P. Pedro da Silva Carneiro. e José Mathcos. (Tem este pateo de comprido 440. palmos de largura 126.)

Pasmos eternos, admiraçoens profundas concebera Cleopatra se na formosa, e incomparavel machina, que enamurada fez fabricar para o esforçado, e invencivel Capitam Marco Antonio, e seus soldados, attenciosa ponderára, esta em Pernambuco não vista maravilha. Daquelle diz Tito, que sendo sem limite nos dispendios ordenara por ser a mayor parte de sua architectura ouro, e prata, era na vista mudo soborno do juizo, continuada lizonja a dos sentidos, e huma inexplicavel felicidade, que gratuitamente expendera o amor offerecendo com muita diversidade amparos á fome, remedios á mayor secura.

Desta foy tão singular o dispendio, naprichoso aceyo, e perfeita a machina, que na verdade arrojto se me representa sua descripção: porque segundo são relevantes as prendas de qualquer objecto, a mais peripaterica eloquencia se avalia perigoza lizonja! Fiquem na conhecida, e prodiga liberdade dos Authores os creditos de sua perfeção, que no dia 10. de Setembro se manifestou para indissoluvel enredo dos olhos mais perspicazes á soberba machina deste Xafariz no pateo já refferido.

Formava-se este em tablado de 32 palmos de frente, de fundo 18, sobre que formavão tres arcos em frente cada hum com 15 palmos de alto, e de largo 7. compunhão-se estes de capitais, de que nascia a cornija rematada nos angulos e meyoas com piramideas. Adornava-os hum embrechado, ou imbutido de louça oriental, huma em pedaços, outra inteyra, de diversas cores de que se formavão conchas, e outras luzidas invençoens, e matizes de continhas de varias cores, perfilado

tudo de cordão de luta crespo, que mais realçava, e fazia o luzimento.

A'lem da altura continuava no espaldar para adorno do sitio frondoso arvoredo seguido por bayxo de muitas piuretas e figuras significativas da vida, e morte do glorioso Martyr.

No moyo do jardim, ou chafariz, se via hum Leão lançando água por olhos, e boca: logo em recto andar huma praya, em cujas margens se contemplava com admiração a bem ordenada Fortaleza de Bacaim illustre Patria do glorioso Martyr, armada, e fortificada com todas as militares circumstancias. A hum lado desta fluctuava a Nau em que o Santo por Divino impulso para as terras Orientaes do Japam se embarcára, dezanagado já do mundo pelos tragicos successos de sua vida, que ainda que em quanto Mercador Secular foy sempre de vida immaculada; com tudo aspirava, clamava sempre a Deus por sua mayor perfeição, pelos progressos e virtudes, que dos Franciscanos no Oriente ouvia.

Este Religioso proposito, e celestial designio de sorte lhe combatia o peito, com tam fortes, e quotidianos impulsos do que anhelavão seus sensiveis gemidos, que muitas vezes clamava com o Poeta:

Phosphore reddere diem quid gaudia nostra moraris?

Donde tomou a resolução de embarcado negociar em terras Orientaes do Japam, não pela cobiça do ouro, nem da prata universal contagio dos mortaes, como cantou o Mantuano clarim:

.....*Guid mortalia plectora cogis,
Auri sacra fames.....*

Mas sim a do Reyno dos Ceos, pelo qual dava de man a todos os bens temporaes havidos, e por haver, que não rreão pouce, pois era o nosso Santo hum dos Mercadores de mais trafego, e negocio, que naquelles seculos no Oriente havião: e como sabia este bemaventurado Mercador, que dos bens, e felididades temporaes Deus lhe havia ser infallivel acredor, cuidava só, não em duplicar negocios; mas sim, com o Psalmista, exorar sua clemencia, e bondade, no ajuste de tão estreitas contas: *Non intres in judicium cum servo tuo Dominus: quia non justificabitur in conspectu tuo omnis iniquus: O durum; ô fatal reis, miseris que tribunal, Que Juder rigida tam gravis ore sedet! Dicitur attonitis et tera luce supinis. Hunc oculis Agaton extimuisse diem.*

*Utque sibi noxe Paulus non conscius esset.
Batamen est veritus Judice stare nocens.*

*Guid juvat his igitur tantum consilere rebus,
 Si lethi imperio cuncta subacta jacent
 Stat sua quique dies, properato tempore mortis
 Scurius, aut citius quemlibet urna vocat
 Cogimur huc omnes huc summus et infimus ordo,
 Ibimus, e menso tempore quisque suo.*

Pouco adiante se contemplava o passo, que representava ao Santo em quanto Mercador com loja armada, e nella variedade do fazendas com vara e covado nas mãos, de donde despendia muita agoa.

Successivamente se via o passo, que representava o Santo já Religioso entre dous verdugos, que atadas as mãos a traz, cruel, e barbaramente o apresentavão ao Tyrano Imperador para ser delle justicado, este se achava assistido á latede dous validos, os quies todos lançavão pelas triumphas muita agoa, e o Imperador pelo sceptro.

Varios motivos de admiração descobria neste passo a vulgar curiosidade, já a Religiosa humildade, comque o Santo representava a tollerancia de tantos oprobrios, e calumnias, já a arrogancia dos verdugos, e Tyrano Imperador, já a perfeição graciosa da architectura; mas o que mais era para admirar, o Santo que alem da humildade, que representava, representava tambem chorar pelas lagrimas, que subtilmente dos olhos lhe corrião, com as quaes mollicava, e movia a compaixão ainda ao peito mais barbaro e deshumano.

Grando erro na verdade se descobre na corrente destas lagrymas, que o Glorioso Martyr chore por se ver prezo, propriedade he dos que padecem, por serem muitas vezes as lagrymas, por natural privilegio, proprias para desafogo da mayor angustia, e perturbação. São as lagrymas (inda que formusura da face) improprias de qualquer sujeito, muito mais Religioso, razão porque mandavão os Leonicos, que nenhum chorasse se não em habito femeniil, porque só a este verdadeiramente incumbião as lagrymas: quando ven.os, que tantos varoens illustres dignos de immortal lembrança incorrerão nesta nota!

Pedia Job para emprego, e contemplação da brevidade de seus dias hum pouco de tempo para chorar sua dor: *Nunquid non paucitas dierum meorum finietur brevi? dimitte ergo me ut plangam paululum dolorem meum.*

A mesma brevidade de tempo exorava a Esposa da clemencia de seu amado para desafogo de seus incendios affectos, como cantou o Poeta:

*Pro lacrimis spatium, spatiū pro plangentibus opto
 Egemihī tantille, quam peto causa more est*

*Ite igitur magnis lacrimæ, mea flumina, rivis,
Ite, ferite truces ora, sinumque manus.
Ite per os lacrimæ, sævite in pectora palmæ;
Pars bona, dum statis, temporis ecce fugit.*

Com lagrimas talvez mais nativas do amor, que oriundas da claridade chorou Abraham a mortal ausencia de sua amada Sára, fiando generoso da corrente de suas lagrimas o desempenho de sua mayor saudade. A Jonatas pranteou David com lagrimas tão cordeas, que por ellas merecerão os innocentes montes de Gelboé a perpetua maldição de sua esterilidade e segura: *Montes Gelboe, nec ros, nec pluvia veniant super vos.*

Trintas dias com trinta noites prantearão os Israelitas a falta de Moyses, e Aram em os longos caminhos da terra da Promição. Setenta costumavão os Egypteos lamentar aos seus defuntos. Com pranto incongelavel mandou Alexandre ao Macedonio Esquadrão sentir a morte de seu fidelissimo, e privado Amigo Amphiseão, e para mais condecorar tão funebre sentimento mandou que até os mesmos insensíveis expressassem sua dor, fazendo em distinctas horas funchres signaes em os helicos instrumentos.

Para sentir, o chorar de dia, e de noite a perda da mofina Cidade pedia Jeremias, que sua cabeça se fizesse hum Oceano de lagrimas: *Quis dabit capiti meo aquam et oculis meis Fontem lacrimarum, et plorabo die, ac nocte?* Ainda passando com certo Poeta mais avante o seu desejo dizia assim:

*Hos oculos voveam gravidis mihi currere nimbo,
Et caput hoc, totus fuit ut Oceanus.
Aut saltem ingeminos tabescere lumina rivos
Perpetuo ve meas amne natare genas,
Nec siccare oculos, nisi cum stupor obstitit illis,
Finint ut lacrymes ultima gutta meas.*

Mas como assim pareceria acerlo que o Santo vendo-se prezo diante do Tirano Imperador chorasse? se por se ver prezo, e calumniado, sentenciado á morte da Cruz? Bealificados são já neste mundo os que por Deos padecerem qualquer afronta: *Beati estis cum, maledixerint vobis homines et persecuti vos fuerint, et dixerint omne malum aduersum vos mentientes, propter me: gaudet, et exultate in illa die quoniam mercês vestra copiosa est in Cælis.*

Que intenta logo o glorioso Santo nestas tão symbolicas lagrimas? O que intenta David por elle o diz em o Psalmos 37. *Domine ante te omne desiderium meum; e o muito que nestas mudas lagrimas vos quero significar: Et gemitus meus*

a te non est absconditus: Puz tuas lagrimas, que tambem fellam, como cantou o Poeta:

Interdum lacrymæ pondera vocis habent.

"Só vós Senhor sabeis (dizia o Santo Martyr) a causa destas lagrymas, só vós, e eu: assim só nós bastamos:

*Ille meos gemitus, votu aut suspiria solus,
Ille, oculis etiam persequat ima suis.
Nemo meos gemitus, mea scit suspiria solus;
Nemo, duo nisi nós; et duo sufficimus.*

"Justo me fora na presente occasião hum breve contem-tamento para lenitivo de tantas angustias, e oprobrios: mais "acerindo me fora nesta occasião o Canto, que as lagrymas; "pois não ha magua, que não admitta seu alivio, como diz certo Poeta:

*Hoc est cur cædet vincias, quoque compeda fossor
Dicitis hanc causam cur lassus navita cantet,
Sollicitat ceteri cum sreta lenta manu
Quisque præcipi vridet pascendum ducit in agros,
Non nisi, ne ninivium sit mora longa, canit.
Et vanit fallat fastidio longa, viator
Mees et ut canter, nozque labor que facit.*

"Mas como poderá cantar, quem tão longe la Patria vive "desterrado! Que canto formará hum afflicto peregrino longe "do patrio Paiz, que não seja censurado? *Quomodo canta-bimus canticum Domini in terra aliena?* dizia o Profeta; e "não com menos elegancia o Poeta:

*Quid? vultis patria procul á tellure jacentem
Eternos patrios orbe sonare modos?*

"Choro sim de me ver neste tão inoficioso desterro tão "longe da Patria para que nasci; e tanto mais duplicadas "serão inilhas saudozas lagrimas, quanto mais demorar meo "feliz Martyrio.

*Hæc mihi cognatis cur exui ab arceor astris!
Nec sinor illa meo tangere regna pede?
Luz mea rupe moras, satix his habitavimus ortis,
Aut quo non potui corpore, mente ferar.*

"E se permittir a vossa clemencia, e bondade que feliz "consiga a patria tranquillidade, a que me encaminhava tam

"santa cobiça; então conhecerá o fundamento de minhas tão
"sensíveis lagrymas; então cantarey; então será meu conten-
"tamento pelo perenne:

*Cum semel, ó sperata diu, tibi Patria reddar:
Tunc Ego voce canam: tunc Ego ment canam."*

Este o motivo, este o fundamento das lagrymas, que sym-
bolicamente derramava o noso Santo não por se ver preso, e
calumniado; mas pelo morozo desterro da celestia Patria,
que anhelavão seus desejos:

Heu mihi quia incolatus meus prolongatus est.

No meyo de todo este aquozo promontorio se via o Santo
crucificado em huma Cruz: junto a ella dous verdugos com as
lanças ao resto, lançando pelas aberturas das lanças muita
agua rubicunda á imitação do que na verdade succedeo em o
dia do seu glorioso martyrio.

Todas as figuras, que no tablado se achavão lançavão
copiosissima agua por diversas partes.

A'lem disto estava todo o paleo, e tablado cheyo de fra-
gantes flores, e plantas de toda a qualidade. Na infima ex-
tremidade desta eugenhosa architectura se formava balauste
com duas bacias, sobre as quaes lançava hum arrogantissimo
leão muita agua.

Neste sublime (se bom que honorifico Trono,) exajto
a emula paixão dos Japonezes ao Glorioso Martyr, ignorante,
de que assim com mayor realce se comprimentavão os desejos,
que tinha, de que concluido seu penozo desterro, abegasse
felicemente á Patria, que tanto suspirava, como muitas vezes
o significou pelo Rey dos Prophetas: *Quando veniam, et ap-
parebo ante faciem Dei.*

*O Cætum? ó cætum? ó fulgentia lumina stelle!
Oñis sideris, atria digna choris!
O volucres an mæ, rutili Respublica Regini!
O chælys Angelicis associanda modis!
Illorum ante oculos mihi semper oburrat imago
Ante oculos, quamvis longius absit, adest.*

Com misteriozo acordo, e inexplicavel felicidade deputou
a Divina Bondade a sacrosanta arvore da Cruz para que della
melhor podesse o Santo descobrir, e ver a celestia Patria.

Prêgando andava de missão o Redemptor do mundo pelos
districtos, e suburbios de Jericó, quando hum celebrado Zaqueo
desejoso ver sujeito de tão agiantada virtude, e memoraveis
prendas, (porque lho impedião as turbas) se sobio sobre hum
sicomoro, e dizem logo as sagradas letras, que a tão inopinado

excesso o motivara a pequenhez do sua estatura; mas este que em Zaqueo vemos inopinado excesso, se considera em o Glorioso Santo realidade preciosa: pois não só era baixo por naturaes accidentes, mas ainda pelo laical estado, que da Serafica familia santamente abraçado havia.

He esta Sagrada Religião o mais fecundo Joel dos primores da divina graça, por conter em si não só sujeitos de eternos bronzes, e immortaes obeliscos, como são Reys, e Imperadores, Duques, Condes, Marquezes, e outros muitos de igual prozapia; senão tambem muitos de inferior qualidade (se bem que de illustres progenitores) como foi o Glorioso Martyr, porque posto que era pela parte materna oriundo de huma molher negra, com tudo era esta de huma mui illustre familia no Oriente, que pela parte paterna claro está, que sendo filho de hum heruelo Portuguez não podia ser de baixa linhagem por serem estes em todo o mundo por suas inventiveis armas, e inemitaveis letras com rancor, eternamente aplaudidos: pois são estes os dons unicos polos, que constituem o sangue mais illustre, e o varão mais aplaudido.

Assim vendo-se o Santo entre as copiosas turbas da Serafica familia, composta de infinitos colossos de fidalguia, como são Imperadores, e Reys, e outros tantos Gigantes de Santidade, como são Antonios e Alcantaras, necessariamente para de entre estes poder ver sem obstaculos a Divina face, havia como outro Zaqueo subir-se em o melhor sicomoro da Cruz, e esto foi a razão mais adequada, que teve a Divina Omnipolencia para fazer que o Glorioso Santo, neste mais que em outro qualquer genero de patibulo vice a Patria celestial, e gloriosamente acabasse seu penozo destierro com esta eloquente, e Poetica despedida:

*Ah! piget é terris Cæli convexa tueri,
Jam super alta feror nubila, terra, vale
Jam cuncte ex oculis, turresque, urbexque recedut
Jam coit in minimam pendula terra pilam:
Jam Lunæ, Solisque, Jovisque superve hor orbes,
Et septena premens sidera, calcopedæ:
Jamque pavimentum stellarum illius pyropis
Sub pede despicitur, quo modo culmen erat.
Astra valete; valete Poli; volucresque valete;
Nil mihi vobiscum est si meus absit amor
Jam video mihi quid Terraque, Polo petendum:
Si meus absit amor, Terra, Polusque vale.*

ACADEMIA,

Que se fez no Domingo 19. do mez com toda a grandeza, e tão scientifica; como engenhoza em huma casa na mesma rua do Livramento; cuberta esta de sedas, e demascos, com assentos altos cubertos do mesmo distinctos dos mais onde se puzerão os mais Doutos Apollos da Cidade de Olinda, e villa do Santo Antonio do Recife, ao pé da Cadeira do Presidente se pôz hum bafete guarnecido de seda, e adornado com salvas de prata, em que o Secretario recebia as Obras; a hum Altar, em que se pôz o Glorioso São Gonçalo Garcia tão luzido, e odorifico, que parecia se via o Abril com a gala de todas as flores; e do Ceo os mais resplandescentes Astros. Louvavão ao Santo alternativamente varios coros de Muzica, e na porta tocavão com a melhor harmonia xaramellas, trompas, alabaes, e trombetas, e para socego do innumeravel concurço de gente, que se ajuntou se puzerão guardas do Infantaria, que só deixavão entrar as pessoas mais distinctas, e os convidados, que trazião bilhete.

Sendo presidente o M. R. Doutor.—*José Correya de Mello.*

Sacerdote do Habito de S. Pedro, Mestre em Artes Pregador, e actual Capellão de Nossa Senhora do Livramento da mesma Villa do Recife.

ORAÇAM

ACADEMIA.

O mais Inolito Martyr, a quem guarda;
E festeja hoje a gente da côr parda
Em o Templo, ou Igreja do tal povo
Com zello collocado Santo novo:
He o objecto do applauso tão decente
E a quem venia toma o Presidente.

SONETO

Gonçalo, que por Santo exclarecido
Sois hoje (sem segundo venerado,)
Se em Japam fostes tão martyrizado,
Foy por seres na America aplaudido
Se a campo lá sahistes destemido
Pela fé nessa Cruz sendo pregado,
Dando a vossa côr parda o elevado,

Valor da Santidade conhecido.
 Permei que eu também com feliz forte.
 Descreva em verso heroico a vossa vida.
 Que em prosa já se acha crespa, e forte.
 Para que quando a era enfurecida,
 Reduza a prosa em cinza, ou lhe dê morte,
 Em verso por mim seja renascida.
 Academicos meus se os meus defollos
 Forem tantos, q. causem algum espanto.

Rendido pesso, e rogo (já que feitos
 Estais a perdoar com valor tanto)
 Que repareis que aqui só os precitos
 Me poderão trazer do novo Santo;
 Elle queira, que o meu entendimento,
 Ache como elle achou bom livramento.

O mais inclito Martyr, a quem guarda,
 E festoja hoje a Jente da côr parda,
 Em o Templo, ou igreja do tal povo,
 Com zello collocado Santo novo,
 He o objecto do applauzo tão decente,
 E a quem vonia tomou o Presidente,
 Para lhe deduzir de prosa em verso,
 A vida que me poz a mim converso;

Em cujo desempenho, dessa Athenas
 Desejava as ideias mais amenas;
 Pois me vejo por força do destino;
 E por vossa eleição neste Apenino
 Entre tão sabia gente,
 De ouvinte passar a Presidente,
 Querendo sem temer alguns desmayos
 Como Aguia examinar do Sol os rayos;
 Entendendo avultar Gigante inteiro,
 Quem sempre como Patto andou rasteiro,
 Nem ao menos cuidar no forte indício,
 Do Icaro, e Faetonte ao precipício;
 Mas como o engenho defectuozo
 Nunca emprezas tomou por reiozo,
 Entro nesta de todo destemido,
 Em que saya de certo convencido.
 Foi Gonçalo Garcia,
 (Objecto principal da Academia)
 Portuguezes de nação, e natural
 Da India, que se chama Oriental;

Que era justo, que fosse do Oriente,
Quem subio para o Ceo resplandecente
O agudo lá foy, e ainda que morto
A desculpa mo dá Fr. Simão torto:
E assim vamos ávante,
Que elle millhor que eu era Estudante.
Nasceo este gloriozo
Martyr mais que ditozo
Em Baçaim Cidade
Pequena para tanta Santidade.
Foy a m'hy natural d'aquelle estado.
E o pay Portuguez mui afamado.
Dos seus primeiros annos, não sabe em suma
Nem dicerão os AA. couza alguma,
Que quando são os meritos sem conto,
Ao silencio entregalos vam a ponto:
E só dizem alguns que tenho sido
No Japão Mercador, e assistido,
Muitos annos com a sua mercancia,
A Manilha viera, e que acudia
Nas voltas de seus tratos ao Convento,
Que alí ha de muy grave pavimento.
Dos descalços Religiosos, nesse Emporio,
Da Provincia, que he de São Gregorio,
Onde foy Deos servido com verdade,
Aquelle habito, e manto.
Tomasse com o ditamo de ser Santo.
E eu dissera, que o Ceo com a Manilha,
De codillo leyon sem espadilha.
E para abrir a vista,
Com o Comissario Fr. Pedro Baptista,
Tornou para o Japão, e lá viveo,
As regras observando que lhe deu,
Em Filipinas foy na Caridade,
Soffeito, e exemplar da Santidade,
Cũ os enfermos Japões sem mostrar mingua,
Para as Conficoens era a millhor lingua;
Sendo para Deos quando ardia em chamas,
A sua linguagem o amo, amas.
O Emperador lhe tinha com deavello,
Felicção particular, por conhecello
Mercador muito rico, e aver deixado
Por amor de Deos todo o grangeado,
Podendo-se dizer que São Garcia
Soube comprar o Ceo com mercancia.
Do mesmo Emperador foy tal respeito,
Que quanto elle podia era feito,

Mas quando a Santidade
 Tudo não acabou com a Magestade?
 Porem contra o Christão, e o mesmo Christo;
 (O peccado, que nunca fora visto)
 Rebellando-se ingrato
 O mesmo Emperador, que lhe foy grato,
 Por huns Ministros cruéis, e carnicieiros,
 A Gonçalo mandou, e aos Companheiros,
 Crucificar tyrano,
 Sem compaixão alguma, ou ser de humano.
 Posto na sua Cruz assim pregava,
 O Martyr, a quem Deos tanto animava.
 O' Japoens enganados,
 Com o só de nos veres já pregados
 Pela Fé, e por Deos
 Não vos converteis todos para os Ceos!
 Veja a vossa segueira,
 Que esta nossa Ley he a verdadeira.
 E se a minha constancia
 Não basta a desfazer vossa inconstancia,
 Nem as nossas palavras, e conceitos
 Sóbrão para abrandar lão duros peitos:
 Sobeje o ver em nós com vista boa,
 De Martyres a Palma, e a Coroa,
 Trazida pelos Anjos
 Desses Ceos, ou por Coros dos Arcanjos;
 E tu Emperador cruel, o forte,
 pois nos quizeste dar lão Santa morte,
 Para Deos te converte
 Antes que irado mando soverterte:
 E repara que ha inferno,
 Juizo universal, e bem eterno.
 Isto disse espirando
 Aquelle que do Impireo está gozando,
 Morrendo pela Fé crucificado,
 E lambem como Christo lanceado,
 Sendo todo, e em tudo com offeito
 Imitador de Christo muy perfeito.
 E eu tambem finalizo já o transumpto:
 Da vida, que tomei por meu assumpto;
 Fazendolhe por fim da vida pia
 O Moto que he geral da Academia.

NOTE.

Foy Gonçallo de Jesus
 Tão perfeito imitador,

Que acabou por seu amor
Tambom com morte do Cruz.

Mostrada, e deduzida
Por mim, da proza em verso a sua vida:
Notem agora o como a cor honesta,
Na collocação sua lhe fez festa;
Imitando até nisto
O nosso Santo Martyr ao mesmo Christo.
No primeiro de Mayo
Do seu aplauzo foy o primeiro ensayo,
Dia offerecido, e dedicado
A'quelles dois Heroes do Apostolado,
Santiago, e Filippe
Que beberão da Astrifera Aganipe,
Ou da fonte do Apollo mais sciente,
Pregando o Evangelho á cega gente,
Que era justo, que em dia, que festeja
O Ceo, e cá na terra a Santa Igreja.
Dois Varoens, que morrerão
Martyres, e que Santos florecerão,
Os seus Confrades dessem com abalo,
Principio aos encomios de Gonçalo;
Vendo-se em noites varias
Diversas luminarias,
Nas cazas, nos Conventos,
Mostrando-se estes todos avarentos
No modo de as dispor, e aqui não erra
Quem disser que igualou ao Ceo a terra,
No numero das luzes, pois se vêão,
Que humas, e mais outras não cedião.
Da Escriitura nos consta o luzimento,
Daquelle noite lá do nascimento,
Ou da Novidade
De Jesus em Belem, que a claridade
Dos Anjos tania foy, que ao dezerlo
Da terra fez ficar hum Ceo aberto,
Isto o Ceo fez, e obrou quando nascia
O Filho cá na terra de Maria.
E aquillo fez a terra quando achado
Foy Gonçalo por Santo, e collocado
Neste sumptuozo Templo
De Maria, dos Pardos para exemplo
Gloria in Excelsis Deo com tom subido,
Hum Anjo lá cantou a Deos nascido,
Cá em carro Triunfal, Anjos humanos,

A Gongalo entoarão soberanos,
 Sagrados, e Divinos
 Psalmos, e tambem Hymnos;
 Porque assim queria
 Mostrar Deos que Gongalo o competia.
 Nas taes noites até o romper d'Atua
 Ali sinos se ouvião, e aqui salva
 De estronozas roqueiras.
 Com trompas, atabales, e Fogueiras:
 Lá tambem mil Pastores,
 Se ouvirão tocar flautas superiores.
 Concorreo muito Povo,
 Lá a ver a Jesus, cá ao Santo novo:
 Novena decantada
 Foy principio de festa tão louvada,
 E em todo este tempo muy sobejos
 Fizerão-lhe os Devotos mil festejos;
 Com tão grande união as Confrarias,
 Desta Igreja, que as festas dos seus dias
 Assentarão mudallas
 Para todos a hum tempo festejallas.
 Para que assim causasse mais aballo
 A festa do glorioso São Gongallo.
 Sendo o ultimo dia da Novena,
 Se nisto não erra a minha pena,
 E os dias bem reparto
 A vespera da Senhora do Bom parto,
 E em que em procissão solenne veyo
 O nosso Santo Martyr com asseyo
 Das Irmandades todas, se o notamos
 E ao entrar se cantou Te Deum laudamus.
 No dia sexta feira outra Irmandade.
 Festejou com grandeza a Soledade,
 Que quando função ha de Cruz em dia
 De sexta feyra se ha achar Maria.
 Não com outro titulo, preheminate
 Da Soledade sim, que he o mais decente,
 E nesta circumstancia he bem tocasse,
 Porque este requizito não faltasse,
 Fazendo a esta noyte mais ornada
 Huma bella, e vistoza encamizada.
 E no Sabbado foy da Padroeira
 A festa que se fez, sendo a primeira.
 No lustre, que a Irmandade se abraza,
 Porque, em fim he Senhora, e Mãe da Casa.
 As festas já tocadas,
 Todas tiverão Vesperas cantadas,

E em todas se expôs por mais aumento
Em trouço, o Divino Sacramento,
E nas noites, muy graves
Divertimentos todos muy suaves,
Mas na tarde, que foy vespera do Santo
Tudo houve com muy sobrado espanto,
Porque além das Vesperas divinas
De noite lhe cantáram humas Matinas,
E juro pela Cruz do Santo amado,
Que a festa inculcou ser de malinada;
Não nosem como já me vou explicando,
Que a malinada aqui veyo fruando.
No Domingo se vio seo dito encacho
Deitar festa tão guapa tudo abaicho:
Pois para ser esta de substancia,
Não lhe fallou nenhuma circumstancia.
Até o Orador (porque pasme a gente)
Foy da America o Rio mais corrente:
O Japão fallado, que de Prata
Em profundos conceitos se desata.
Hum Rio Prégador, quem tal já vio!
O Padre Prezidente aqui mentio.
Dirá algum que não tem por couza pouca,
Ter hum Rio como este, lingua, e boea,
Descalço Religioso,
Da mesma Religião do Glorioso
Martyr, que era Justo, que as suas glorias
Lhe preque quem tem parte nas victorias.
Em procissão de tarde muy solemne,
(Porque Lusbel no Inferno gema, e pene)
Sahio com o Estandarte
Da Cruz com que subio o melhor Martyr
Triumphador para os Ceos,
Mostrando que não morre quem ho Deos:
Lá essa Magestade,
E Immensa Divindade,
Sublo com alegrias
De quantas nesses Ceos ha Gerarchias,
De Anjos, e Apostolados,
Archanjos, Principados,
Martyres, Pregadores,
Virgens, Innocentes, Confessores.
Finalmente lá quanto o Empireo enser,
A buscalo desceo do Ceo á terra;
E cá tudo o que ella ensarca, e cria
Acompanhou ao Martyr São Garcia.

Com a Cruz na paixão Christo empedaços,
 Correo (como se sabe sete passos;
 E Gonçallo com ella singulares
 Em procissão correo varios allares
 Nella seis triunfantes
 Carros se virão ir muito brilhantes;
 Xarollas, muitas danças, e figuras,
 Com boreados de ouro, e bordaduras,
 Que a fazião vistoza
 Rutilante, luxida, e muy pompoza,
 E as ruas correndo
 Com a grandeza, que aqui vos vou dizendo,
 Neste Templo, ou Altar foy collocado,
 Onde he, e será muito venerado.
 No Xafaris não falo,
 Porque deu, o cauzou bastante aballo
 Ver o como em todo elle se meteo
 Quanto o Santo por Christo padecoo,
 Segunda, terça e Quarta cavalhadas
 Se fizerão galantes, e afamadas,
 E festa que cauzou tanta alegria,
 Feicha o acto da douta Academia
 Com o mote geral, que hei applicado
 E o que segunda véz he decantado.

Miy—M. O.

MOTE GERAL.

Foy Gonçalo de Jesus
 Tão perfeito imitador
 Que acabou por seu amor
 Também com morte de Cruz.

GLOZA

I

Com vínculo tão estreito
 Une o amor aos amantes
 Que ainda em extremos distantes
 De dois forma hum so sogeito.
 Em Gonçallo tão perfeito
 Amor com Deos se introduz

Que ambos este a hum só redus
De tal sorte, que em amalo
Sendo Jesus de Gonçallo
Foy Gonçallo de Jesus.

II

Foy de Jesus em tomar
Sobre si da Cruz o pezo,
E no constante desprezo,
Com que ao mundo quis deixar.
Foy de Jesus em abraçar
Dos tormentos o rigor,
Os quaes com tanto valor
Quis por Jesus padecer,
Para d'elle vir a ser
Tão perfeito imitador.

III

A fineza mais sabida,
Que obra o amor mais requintado,
He que o amante pelo amado
Chegue a dar a propria vida.
Desta fineza a medida
Tomou com todo o primor
Gonçallo, querendo expor
Por Jesus a pelle á morte;
Porque o amava de tal sorte,
Que acabou por seu amor.

IV

A impulsos da tyrania
Acabou da Cruz nos braços,
Como quem com breves passos
O curso ao Ceo dirige
Quis tambem por esta via
Em que o seu amor mais luz
Imitar ao seu Jesus,
Para nos dar a entender
Que por elle quiz morrer
Tambem com morte da Cruz.

(a.) Do M. R. Doutor Ignacio Ribeiro Noyal.

MOTE GERAL

Foy Gonçallo de Jesus
Tão perfeito imitador
Que acabou por -seu amor
Tambem com morte de Cruz.

GLOZA

I

Tanto a Jesus quiz Gonçallo;
De sorte e de tal modu,
Que Jesus sempre foy lodo
Seu ay Jesus, e regallo:
E para mais abrigallo,
Depois de morrer na Cruz,
Por destino de alta luz,
Não quiz, como se dizia,
Ser mais Gonçallo Garcia,
Foy Gonçallo de Jesus.

II

Tanto imitou a Jesus
Na sua paixão, e morte,
Que ambos da mesma sorte
Acabarão em huma Cruz:
E se lá do mundo a luz
Sofreo da lança o rigor,
Gonçallo por seu amor
Lançadas sofre: poristo
Não houve de Jesus Christo
Tão perfeito imitador.

III

E se Jesus por Gonçallo
Descendo do Ceo á terra
Padeceo da morte a guerra
Por seu amor, e regallo;
Garcia por imitalo
Como a mestre, e Redemptor,
Com ancia, zello, e fervor
Tanto se vio dexejar

Por seu Jesus acabar,
Que acabou por amor.

IV

E por fim tanto se amárão
Gonçallo, e Jesus Divino,
Que por modo peregrino
No amor se equivocavão;
E tanto assim se entregarão
No fogo, que o amor produs,
Que por Gonçallo Jesus,
Morre na Cruz por regallo:
Por Jesus morre Gonçallo
Tambem Com morte de Cruz.

(a.) Do M. R. Doutor Manoel Ribeiro.

MOTE GERAL

Foy Gonçallo de Jesus
Tão perfeito imitador
Que acabou por seu amor
Tambem com morte de Cruz.

GLOZA

I

Os Seraphins, que subidos
Vio Isaias no trono,
Estão com todo o abono
No contemplar mui defidos:
Se contemplam mui luzidos
A Jesus morto na Cruz
Entre tromentos mais crus,
Não menos de exemplar
Subido no contemplar
Foy Gonçallo de Jesus.

II

Eles por contempladores
Tanto amantes se ostentavão,
Que nisto mesmo mostravão

Ser de Christo imitadores:
 Se no contemplar Doutores
 Vos graduais com tal louvor,
 Sabey que com mais fervor
 Foi São Gonçallo Garcia
 De Christo com energia
 Tão perfeito imitador.

III

Com duas azas cobrião
 Os olhos para mostrar,
 Que o seu gosto era acabar
 Por Jesus, que morto vião;
 O grande amor em que ardião,
 O morrer com tal rigor
 Entre esse resplendor
 Em vós hé ser impossivel
 Em Gonçallo tão factível
 Que acabou por seu amor.

IV

Entre Cruzes divididas
 Os Serafins abrazados
 Estavão crucificados
 Com as azas estendidas:
 O amor, que as faz subidas
 Fez, que pelo seu Jesus
 Cortasse os olhos á luz,
 O nosso Santo Garcia
 Morrendo á tyrania
 Também com morte de Cruz.

(a.) Do M. R. Licenciado Manoel Felix da Cruz.

MOTE GERAL.

Foy Gonçallo de Jesus
 Tão perfeito imitador
 Que acabou por seu amor
 Também com morte de Cruz.

GLOZA

I

Com magnanimo desenho
Por amante verdadeiro
Buscou Gonçallo hum madeiro
Buscando Jesus hum lenho
Com este valente compenho
(Que o amor firme introduz)
Quando o vemos d'uma Cruz
Figurado Redemptor,
Achamos, quo imitador
Foy Gonçallo de Jesus.

II

Jesus nessa Cruz pregado,
Gonçallo nessa Cruz fixo,
Este feito hum Crucifixo
Aquelle crucificado;
Hum, e outro alimentado;
Em ambos hum mesmo amor,
E se em ambos igual dor
Cauxou igual padecer,
Só Gonçallo pôde ser
Tão perfeito imitador.

III

Em ambos foi relevante
O amor por elevado
Jesus quando amante amado,
E elle quando amado amante:
Por amor Jesus constante
Morrendo fez-se acedor,
Mas Gonçallo devedor
Dessa ubrigação devida
Pugou tanto com a vida
Que acabou por seu amor.

IV

Em tudo poudo imitallo,
 Porem tanto o imillou,
 Quo o pínzel, que o retratou;
 Não soube bem retratallo;
 Está Jesus feito hum Gonçallo,
 Gonçallo feito hum Jesus;
 E se esta Divina luz
 Com morte de Cruz findou,
 Gonçallo a vida acabou
 Também com morte de Cruz.

(a) Do Ajudante Francisco de Souza Magalhães.

MOTE GERAL.

Foy Gonçallo de Jesus
 Tão perfeito imitador
 Que acabou por seu amor
 Também com morte de Cruz.

GLOZA

I

Imitar hum firme amante
 A Jesus no theor da vida,
 He virtude lão subida,
 Quanto tem de relevante:
 Isto a todos he constante
 Mas eu quando os olhos puz
 Em Gonçallo n'uma Cruz,
 Então vi, que com mais sorte,
 Imitante até na morte
 Foy Gonçallo de Jesus.

II

Na vida com inteireza
 A Jesus também seguiu;
 Jesus por elle vestio
 O mortal da natureza,
 Gonçallo por tal fineza
 Vestindo de morte cõr

A mortalha de Menor,
 Mostrou muito ao natural,
 Não ter seu original
 Tão perfeito imitador.

III

Foi pobre, e tão esmoller,
 Que não tendo já bens seos,
 Que dar pelo amor de Deus,
 Cruzado se quiz fazer;
 Mas o fim foi a meu ver
 Pagar com igual primor
 O preço, que o Redemptor
 Por elle pagou cruzado:
 Donde colho ao figurado
 Que acabou por seu amor.

IV

Acabou, mas não consente
 Com se ver victima feito,
 Duas lanças para o peito
 Lá quiz ter quando pendente,
 Oh quam parece coerente,
 Havendo se dar á luz
 Humra cópia de Jesus,
 Mostrarse de peito aberto
 Quem imita ao passo certo
 Também com morte de Cruz.

(a) Do R. P. Filippe Nery da Trindade.

NOTE GERAL

Foy Gonçallo de Jesus
 Tão perfeito imitador
 Que acabou por seu amor
 Também com morte de Cruz.

GLOZA

I

Por singular primazia
São Francisco recebeu
Cinco Chagas em tropheo
De Jesus a quem seguia:
Buscou sua companhia
Gonçalo, e com esta luz,
Tanto em seguillo se indus
Que dando a tudo de mão
De Francisco a imitação
Foy Gonçalo de Jesus.

II

Com esta luz foi seguindo
De Francisco os seus progressos,
Mostrando, que nos excessos
Hia de ponto subindo:
Imitando, e competindo
Com tal affecto, e primor
Ao non plus ultra do amor
Jesus Christo, a quem seguio,
Quem ainda o mesmo Ceo não vio
Tão perfeito imitador.

III

De Christo todo o progresso
Veyo a parar em morrer,
Que isto faz amor fazer,
Quando amor he todo excesso:
São Gonçallo no processo
De sua vida, e fervor,
A impulsos de seu amor.
Tambem a vida exhalou
Por Christo amar, e mostrou,
Que acabou por seu amor.

IV

A seu geito huma lançada
 Hum soldado a Christo deu,
 E São Gonçalo a sofreu
 No seu peito duplicada:
 Esta gloria aventajada:
 Que em Gonçallo assim relúz,
 A tal maxima o conduz,
 Que para mais triumphar
 Quiz por Christo a vida dar
 Tambem com morte de Cruz.

(a) De Ignacio Duarte.

MOTE GERAL

Foy Gonçalo, de Jesus
 Tam perfetto imitador
 Que acabou por seu amor
 Tambem com morte de Cruz.

GLOZA

I

Querendo o Pintor Divino
 Copiar seu original
 Fez de amor retrato igual
 Em hum Varão peregrino.
 Achou ser sujeito digno,
 E tirou a cópia á luz:
 E se o desejo conduz
 Saber quem nom; peito grato
 Saybam, que o melhor retrato
 Foi Gonçalo de Jesus.

II

Foi retrato tam perfetto
 De Christo, a dizer verdade,
 Que o fogo da charidade
 Lhe ardia em chamas no peito.
 Só attendia ao respeito
 Do charlativo amor;

Por seguir ao Redemptor
Os perigos não temeu,
E nisso mostrou, ser seu
Tam perfeito imitador.

III

Quem ama, o sabe ao amado
Da prenda amada, e querida,
Não teme perder a vida
Pelo objecto idolatrado.
Assim Gonçalo abraçado
Pareceu com seu Autor,
Pois como copia melhor,
Foi naquelle tempo visto
Parecer de sorte a Christo
Que acabou por seu amor.

IV

De puro amor acabou
Cá na vida temporal
Mas na Patria Celestial
Da mesma morte triumphou.
Em fim, tanto se mostrou
Retralado fiel de Jesus,
Que não faltou lança a flux,
Que seu peito traspasasse,
Porque alancendo acavaçe
Tambem com morte de Cruz.

(a) De Antonio Planger Aranha

NOTE GERAL.

Foy Gonçalo, de Jesus
Tão perfeito imitador
Que acabou por seu amor
Tambem com morte de Cruz.

GLOZA

I

Muitos Santos tem baydo
Da côr branca, que estimados

Forão por crucificados,
De Deos, com amor subido,
Mas da côr (está sabido)
Que se chama a meya luz,
E por parda se introduz:
He sem questão de importunos,
Que Solus, Totus, e Unus,
Foi Gonçalo de Jesus.

II

De Pilatos na prezença
Foi Christo sentenciado,
Sam Gonçallo foi levado
Da mesma sorte á sentença
De morte ouvir sem detença
A' vista do Imperador,
Cumprila foi o Senhor.
Tambem Gonçalo; e por isto
Todo, e em tudo de Christo
Tam perfeito imitador.

III

Pelo homem o Messias
Padeceo por seu regalo;
E pelo Deos hum Gonçalo
Sofreu cruels tyrantias,
Christo no lado com agonias
Sentio de huma lança a dor,
Ferio no pello o rigor
De outra lança ao Martyr Santo;
Padeccendo por Deos tanto
Que acabou por seu amor.

IV

Christo foi prezo, ou atado
Até o Monte Calvario
Gonçalo ao Ceo, e'o Sumario
Foi seguro, ou maneatado.
Em fim, foi crucificado
Aquelle amante Jesus,

Que a isso o amor o conduz;
 Gonçalo pelo imitar
 Em tudo, veyo a acabar
 Também com morte de Cruz.

Do Capitão Francisco Soares, e Sylva.

MOTE GERAL.

Foy Gonçalo, de Jesus
 Tão perfeito imitador
 Que acabou por seu amor
 Também com morte de Cruz.

GLOZA

I

Todo aquelle que quizer
 (Christo enfim) acõpanhar-me
 E nos passos imitar-me
 A Cruz que eu tenho, ha de ter.
 Deixou Gonçallo de ser
 Quem era tomando a Cruz:
 Logo daqui se deduz
 Com razão mui revelante
 Que imitador observante
 Foy Gonçalo de Jesus.

II

Na Cruz pôs o odio insano
 A Christo, e na Cruz tambem
 Morreo Gonçallo, por quem
 Por elle ostentou-se humano.
 A Christo, o ferro tyranno
 Da lança a impulso; e furor
 Tirou-lhe a vida, e esta dor
 Quiz Gonçalo experimentar
 Só a fim de se ostentar
 Tão perfeito imitador.

III

Se por amar-me soffreo,
 (Diz Gonçalo) o ser pendente

N'uma Cruz quem certamente
 Por amar-me padeceu,
 Que muito he que soffra eu.
 Por amallo a mesma dor,
 O outro excesso mayor,
 Na morte quero imittalo:
 No que, hem mostrou Gonçalo
 Que acabou por seu amor.

IV

Emfim Gonçalo, que doste
 Amor, tem conhecimento
 Senhor; Deseja o lamento
 Que vóz na Cruz padeceste,
 Bem sey a dor, que soffreste
 Foi como Sol a luz
 Mas tal graça lhe reluz,
 Que para vos imitar,
 Teve por sorte acabar
 Tambem com morte de Cruz.

Do M. R. Filipe Benício.

MOTE GERAL

Foy Gonçalo, de Jesus
 Tão perfeito imitador
 Que acabou por seu amor
 Tambem com morte de Cruz.

GLOZA

I

Se pôde com inteíreza
 Haver quem (com a fé pura)
 Seja de Christo fugura,
 Quanto á humana natureza;
 Nunca com mayor grandeza
 Do que ao presente relúz;
 Pois tanto em morrer na Cruz,
 Como na mesma no activo,
 Se viu, que retrato ao vivo
 Foy Gonçalo de Jesus.

II

Pedro, pedra singular,
 Por Christo crucificado,
 Vemos todo seu cuidado,
 Fora em mandalla virar,
 Porem Garcia, observar
 Tanto quiz nesta ao Senhor,
 Que por bens suppor,
 Nenhum, que intente imitallo,
 Hade ser, como Gonçalo,
 Tão perfeito imitador.

III

O Amor, ninguem duvida,
 Mais superlativo, e forte,
 Foi causa total da morte
 De quem ha Autor da vida.
 Desta fineza crescida,
 Digna de eterno louvor,
 Ninguem mais imitador
 Que Gonçalo; pois por Christo
 Tanto se mostrou bem quisto,
 Que acabou por seu amor.

IV

Mal se pode pois negar,
 Que nesta figuração,
 Se deu huma imitação,
 Muy perfeita e singular;
 Pois por mais se assemelhar
 Em a morte ao Bom Jesus;
 Lá nesse Reyno da Luz.
 Donde o martyrio logrou,
 Vemos por fim que acabou
 Também com morte de Cruz.

Do Licenciado Antonio Roza Bonavide,

MOTE GERAL

Foy Gonçalo, de Jesus
 Tão perfeito imitador

Que acabou por seu amor
Tambem com morte de Cruz.

GLOZA

I

Do Padre Eterno sabemos
Ser o Filho Imagem pura,
E era Gonçalo huma figura
Bem propria de Christo temos,
Porque se o Gonçalo vemos
Como a Christo n'huma Crúz
Dar a vida; a toda a Luz,
Bem se mostra em tal estado.
Que huma figura, um traslado
Foy Gonçalo de Jesus.

II

Figura foi singular
Pela Cruz, em que acabou;
E pela vida mostrou
Ser de Christo hum exemplar;
Pelo querer imitar
Até quiz ser Mercador
E contratou por amor
Hum tal premio, e tam orecido;
Qual havia merecido
Tão perfeito imitador.

III

Com Christo se pareceo
Na morte, com que acabou
Pois tal na Crúz espirou
Qual na Crúz Christo morreo
Tal dita bem mereceo
Como se deve suppor
Hum coração, que no ardor.
Em que amante se abrazava
Tanto, e tanto a Deos arrava
Que acabou por seu amor.

IV

No amor de Deos embebedo,
 Nos exhasis elevado,
 Com Christo na Crúz pergado
 Dezejava ver se unido:
 Com ancia, affecto, e gemido
 Rogava a Christo Jesus
 Fosse a Guia, Norte, a Lúz
 Para tal favor obler
 Por isso veyo a morrer
 Tambem com morte de Cruz.

Do R. P. Antonio Pereira.

ASSUMPTO PARTICULAR

Mostrar em hum sonetto a efficacia, com q. Sam Gonçalo Garcia da Cruz do seu martyrio exhortava aos mais companheiros a que dessem a vida por Christo.

SONETO

Como lente de Prima jubilado
 Para ensinar, da Cruz sóbe á Cadeira
 Gonçalo; e sendo que era a vez primeira
 Ficou logo por Mestre laureado.

Da Matera c'a Fide era o Tratado
 E aos Japões a explanou de tal maneira,
 Que ensinando até a hora derradeira;
 Quiz fazer para os Ceos exame adgrado.

Que morressem por quem elle morria
 Era o que Gonçalo postillava.
 E o mesmo que dictava, isso seguia

E quem duvida que a lição, que dava
 A Christãos mais rebeldes moveria,
 Se a doutrina c'o exemplo confirmava?

Do M. R. Doutor Ignacio Ribeiro Noya (a).

Pii

ASSUMPTO ACADEMICO PARTICULAR

Qual dos dous Martyrios foy mayor para São Gonçalo,
o que padeceu, ou o desejo de padecer.

OITAVAS

I

Dos enredos do mundo já apertado
Garcia penitente com ventura,
N'hum aspero burel amortalhado
Só dezeja os apertos da clauzura;
Para que suspirando o seu peccado
Milhor tome as lições da sepultura:
Oh lição felix te decorára
Que do Mundo os enredos desprezara.

II

Alli terno suspira aproveytando
O tempo, que no seculo perdera:
Alli chora magoado, dezejando
Os fructos, que no mundo não colhera:
Quantas vezes diria soluçando:
Se o que agora faço, então fizera;
Não seria por mim tão dezejado
Fosse tempo presente o que he passado.

III

Alerta pois, Gonçalo, emquanto a morte
Não corta o fraco fio dessa vida!
Seja Christo fiel, e doce morte,
Que a derrota dirija tão perdida;
Eya pois não triumphe a triste sorte
Desta Nau em peccado submergida,
E aos pés de Jesus milhor Infante
Penitente assim chora, e falla amante.

IV

Já quizera Senhor, que a impiedade,
 Contra mim seu rigor executasse,
 E por vosso respeito a crueldade
 O fio desta vida já cortasse:
 Pois queria por amor dessa Deldade,
 Que no mundo este affecto se admirasse,
 Que o affecto mayor, que póde haver
 He hum amigo por outro padecer.

V

Mas não chegue, meu Deus esse dia,
 Que me veja por vós martirizado:
 Pois então não teria a regalia
 De soffrer mais por vós o meu cuidado:
 Pois então com o golpe acabaria
 De soffrer mais por vós, Jesus amado;
 Pois tudo quanto o golpe suaviza
 O amor de soffrer mais martyriza.

VI

Os golpes, lanças, setas, e essa Cruz
 São por certo, Senhor, grande tormento;
 Porém tudo a morrer, logo conduz
 Em hum dia, huma hora, ou momento:
 Dezejos de morrer por vós Jesus
 Hé martyrio mayor cento por cento;
 Que sempre no desejo de soffrer
 Está huma Alma morrendo, sem morrer.

VII

He Pheniz, que renasce todo o dia
 O martyrio tardio, e desejado
 E quanto a esperança há mais tardia,
 He o martyrio mayor por esperado;
 He obamas que consome, e não alumia,
 He Abutre, que roe sempre o ovidado:
 He emfim dos tormentos o tormento
 E martyrio atroz do entendimento.

VIII

Neste martyrio pois quero acabar;
 Por ser mayor, que o outro meu Jesus;
 Porém, mais soffrerei por vos amar:
 Porque sois meu amor, e minha Luz,
 Se o tromento mayor hé dezejar,
 Este dezejo seja a minha Cruz:
 E veja-se a minha Alma com estrago
 Em incendios de Troya, arder Carthago.

Do M. R. P. Manoel Ribeiro.

ASSUMPTO PARTICULAR

Mostrar a Gloria, q. o Santo Martyr goza no Ceo.

DECIMAS

I

Quem a Gloria mostrará:
 Que o Martyr Garcia goza,
 Qual anscarada Roza
 No jardim? Quem fallará?
 Meu engenho que dirá!
 Se inda em materia rasteyra
 A razão de tal maneyra
 Fica toda tão funfuza
 Como sem sciencia infuza
 Tratarey questão inteýra!

II

São Paulo quiz explicar
 Que sendo elle arrebatado
 A esse Ceo esmaltado
 Vin o que he para callar.
 Se o Santo não quiz fallar
 Na Gloria, que mui hem vio,
 E não menos no que ouvio;
 Desta Gloria, que diray!
 Como fallar poderey,
 Quando o Santo encobrio.

III

Nas escrituras fundado
Alguna cousa direy;
Nellas mesmas mostrarey
A Gloria que tem logrado,
E se a elles applicado
A Gloria não explicar,
A Paulo por exemplar,
Da materia tomarey:
Sem demora o quo farey
Será callar, não fallar.

IV

Naquelle fogo flamante
Andar hum Anjo sevia,
Quo a Nabuco parecia,
Ser a Deos mui semelhante:
Se este Anjo por amante
E o Martyrio procurar,
Veyo a ter, e a lograr
Hum nome tão excellente.
Não menos confesse a gente;
Veyo Gonçalo a gosar.

V

Hé Gloria grande a meu ver
Para qualquer fino amante
O ser a Deos semelhante,
Alcançar, e merecer:
Se Gonçalo veyo a ter
Esta mesma semelhança,
Que Gloria não alcança
Nesse Celestial Quartel,
Quando acaba por fiel
Na cruz como em balança?

VI

A Deos semelhante ser
Quiz Lucifer presumir,
E querendo assim subir

Veyo do Ceo a descer: }
Lucifer sem poder
Quer ter esta semelhança!
Dezengano não alcança
Quem perdeu assim subir;
Porque hade vir a cabir
Com tão notavel mudança.

VII

Só Gonçalo veyo a dar
Neste modo de subir,
Pois na Cruz sem presumir
Quiz primeiro elle acabar:
Oh que isso o fez exaltar!
Porque veyo a marcor
Gloria, que sem parecer
Se dá a quem cá na terra
Depois de vencida a guerra
A victoria vem a ter.

VIII

S. Paulo deixou firmado
Que o nosso amante Jesus,
Depois da morte de Cruz
Foi por Deos Padre exaltado:
Se o merecer este estado
De huma Cruz lhe porveyo;
Vede se por esto meyo
Tão grande Gloria alcançou
Gonçalo, quando acabou
Com tão amorozo onleyo.

IX

A Molher que, lá pedio
Com huma confiança fal
Lugar a Jesus igual
Para os filhos que parlo:
O Senhor lhe deferio
Que esta sua petição,
De nescia tinha o senão;

Pois senão pode gozar
Lá no Ceo este lugar
Sem o Calix da Payxão

X

Combinay este dizer
Com o que Gonçalo soffreo
F vereis que padeceo
Ató que vayo a morrer:
Infiro agora a meu ver
Se só quem padece alcança
Nessa Bemaventurança
Gloria ao mesmo Christo igual
Vede agora se esta tal
Tem Gonçalo sem mudança.

XI

Logray meu Santo Garcia
Já desse descanso Eterno,
Para confusão do Inferno
E dos Anjos alegria;
E já que ao prezente dia
Com tanto contentamento
Chegámos: de nos memento;
Para que a Deos amemos
E a gloria alcancemos
Com grande da graça augmento

Do M. R. Beneficiado Manoel Felix da Cruz.

ASSUMPTO ACADEMICO PARTICULAR

Mostrar-se o gosto, e contentamento, que teve São Gonçalo Garcia quando o Tyrano o prendeo para o martyrizar.

OITAVAS

I

Pega já desse Alfange, Algoz Tyranno,
Farta a ira, enche o odio vehemente,
Que em teu peito, qual lenda de Vulcano

Frojou em viva chama hum Etna ardente,
 Oh não vez, que Gonçalo jaz ufano
 Contra os Deozes, que adoras reverente!
 Vay cortando, qual Parca infurecida
 Com duro fio o fio dessa vida.

II

Mas não; suspende o golpe, porque infiro
 Que ainda queres tomar outras vinganças;
 Faze-o lançar a vida em hum suspyro,
 Ultraja, prende, e emprende, o que alcanças.
 Suspendeo n'buma Cruz, e fazo tiro,
 Mira o alvo, e despede as tuas lanças;
 Velo-has entro favos de amargura
 Provar no fel da Cruz melhor doçura.

III

Não penses, que prizoens o tyrannizão,
 Pois já vem nh um cordão prezo e atado;
 Nem que as dores da morte o pennialzão.
 Porque em vida já vive amortalhado:
 Não penses tu enfim, que o martyrizão
 Essas lanças, que atiras arrojado,
 Outras lanças padece amante fino,
 Que lancadas lhe vem do amor Divino.

IV

Cuidarão os espinhos, que picando,
 Fica a Roza, entre as flores deslustrada,
 He engano; porque quando a vão sereando,
 Brita a Roza de espinhos coroada:
 Gonçalo, que tambem vay observando
 Cada lança a hum espinho comparada,
 Nessa arvore da Cruz, qual flor ditosa,
 Mercerá lograr Coroa de Roza.

V

Repara que esse Sól lá do Oriente
 Quando nesse Zenith então mais arde,
 Com desmayos vai ler ao Occidente
 Entre os pardos capuzes de huma tarde:
 Assim Garcia quando mais ardente
 Na luz da Graça, então qual Sol covarde,

Quer findar suas luzes por alardo
Nesse pardo capuz de hum burel pardo

VI

Quando o Sol nesse tempo tenebroso
Ultrajado se ve dos luzimentos,
Promette renascer mais magestoso
Triumphando de seus abatimentos;
Assim Gonçalo em penas glorioso
Achará sua gloria nos tormentos;
Renascerá felix, e desta sorte
Gozará felix vida em huma morte.

VII

Ostente pois a ira tão flamante
O furor dessa tua valentia;
Pois quem pode sahir mui triumphante,
Se não quer triumphar, he covardia;
Arroja. Algoz cruel mais que arrogante,
Os impulsos da tua tyrannia,
Verás logo hum Gonçalo Sol luzido,
Quando o viras na Cruz Sol fenecido.

VIII

Quer Gonçalo na Cruz por sua traça
Acabar essa vida tranzitoria;
Pois que defende a Ley da pura graça
Só morrendo, he que conta da victoria:
Não quer armas Gonçalo, nem abraça
O adquerir com ellas huma gloria,
Ainda que esse burel contra ti, perro,
He saya de malha, ou gibani de ferro.

IX

Olha que nessa acção tão mal pensada
Jogas de mano a mano com Gonçalo
Armas-lhe hum triumpho, pois em mão jogada
Pertendes ter a dita de ganhallo:
Gonçalo he mão; e se com mão forjada
O ganhar esta mão he teu regallo,
Verás sendo Gonçalo pé forçado
Ter pé para lograr o mellhor fado

X

Saye o trumpfo de páos, então procura
 Com hum só trumpfo Gonçalo pôr o tento
 Pois na Cruz triumphante, com ventura
 Triumphára de dous páos jogando o tento:
 E se pensas, que tens vaza segura
 Sendo tu malador com fundamento,
 Adverti que tambem tem-se encártado
 Gonçalo de hum Jesus Rey Coroado.

XI

Neste jogo do trumpfo tão renhido,
 Do qual ambos se ostentavão jogadores
 Nenhum saye vencedor, nenhum vencido,
 Mas ambos perdendo, ambos ganhadores:
 Gonçalo, porque tem melhor partido,
 (Supposta a paciencia nos teos rigores.)
 Perdendo a vida, ganha hum bem eterno
 Tu perdes esse bem, ganhando o inferno.

XII

Acabay o discurso, e mais diria,
 Se tivera os dictames de oloquente
 Com que nesta tão douta Academia
 He louvado entre nós o Presidente:
 Mas se não mostrey bem essa alegria,
 Que Gonçalo de alegre pôz patente
 Calle a lingua os louvores de hum Gonçalo,
 Pois só pôde o silencio assus louvallo.

Do Ajudante Francisco de Sousa Magalhães.

ASSUMPTO PARTICULAR

Mostrar a São Gonçalo Garcia deixando as riquezas, e delicias do mundo pela Religião.

SONETO

No mundo, o q. hontem foi Cresco opulento,
 Hoje pôde ser Iro mendicante,

Porque sempre a fortuna do inconstante
Gira, e corre em diverso movimento.

As delicias, e os gostos como vento,
Como sombra se vão a cada instante,
Consistindo o seu ser por vacillante
Na breve dependencia de hum momento:

Gonçalo, que isto alcança com prudencia,
Do mundo só quiz ter o ser mudavel,
Para a vida mudar em continente:

Buscando da Clausura a subsistencia
Que no trato com Deos inseparavel
Lhe segura hum bem summo, e permanente

Do M. R. P. M. Felipe Neri.

ASSUMPTO PARTICULAR

Descrição da coroação, que fizeram os Anjos a S. Gonçalo
Garcia pelo martyrio, que recebeu.

DECIMAS

I

De São Gonçalo Garcia
Tento por obrigação
Deserever a Coroação,
Dos Anjos a Companhia;
Agora minha Talia,
Se me deres vosso Asylo,
E me prestares estylo
Doce, grave, e excellente,
Vencerá minha torrente
As inundações do Nillo.

II

Para Christo entrar no Ceo
Se mandou aos Principaes,
Que erguessem as portas mais

Por respeito do Tropheo:
 Isto pois que aconteceu
 Na celeste Monarchia,
 Succedeu á Gerarchia,
 Quando vio entrar na Gloria
 Com duplicada victoria
 A S. Gonçalo Garcia.

III

Ter glorias avantajados
 Não se pôde duvidar
 Pois chegou a experimentar
 No peito duas lançadas:
 Se as chagas multiplicadas,
 Com que Christo appareco,
 Tanto aballo aos Anjos deo,
 Como não daria aballo
 Vendo os Anjos São Gonçalo
 Entrar com as que recebeo.

IV

Formarão-se os Batalhoens
 Da celeste Gerarchia,
 Que á sua vista pordia
 O Sol as aclamaçoens:
 E com iguaes proporçoens
 E as quadras bem traçadas
 Guarnecidas as entradas,
 E feitas as continencias
 Com as suas prohemincias
 As salvas lhe forão dadas.

V

Amphiam, Apollo, e Orpheo
 Com todos da sua Escolla
 Se ficarão cá de fóra,
 Por não entrarem no Coço:
 Nenhum aballo Jessu deo,
 Nem falta se experimentou
 Porque logo se entou
 Nessa capella da Gloria

Um Hymno pela victoria
Que o nosso Santo alcançou

VI

Inventou então o Ceo
Festas extraordinarias
E em lugar de luminarias
As Estrellas accendeo:
Parece que Apollo ardeo
No fulgor, com que luzio,
E chamas em que se vio,
De sorte que se admirou,
E se se senão perturbou
O Inferno se confundio.

VII

Ex que o choro rutilante
Das virtudes de Gonçalo
Ufanos vem a coroalo
Por firme, e na Fé constante:
Qualquer dellas triumphante,
Por se acreditar mais bella
Da coroa quer ser estrella,
Em tão alta competencia
A Divina intelligencia
Satisfez esta querella.

VIII

Finalmente foy Grinalda
Composta de luzes bellas,
Não de Sol, mas de Estrellas
Divinamente esmaltada:
Tão linda, tão engraçada,
Quanto podia o primor,
E bem se pode suppor,
(Sem offença da verdade)
Que alguma sacra deidade
Lho debuxára o louvor.

IX

Este Coripheo divino,
Gigante da Santidade,
Seraphim na charidade,
Santo mais que peregrino:

Com Diadema condigno
 Foy pelos Anjos coroado,
 E senão fora peccado
 Dizer que ha invaja no Ceo
 Só de Gonçalo o trophoo
 Podia ser invejado

X

Finda pois a coroação
 De São Gonçalo Garcia,
 Disparou a artilharia,
 Deu cargas o Batalhão:
 Forão-lhe beijar a mão
 Da Corte os mais principaes,
 E seguindo-se os de mais
 O forão acompanhando
 A Deos louvores cantando
 Por fazer a Santos taes.

XI

A coroação descrevi
 De São Gonçalo Garcia;
 Não como elle merecia
 Pois confesso que o offendi;
 Nesta ignorancia cahi
 Por professo abediente
 Porque o Senhor Presidente
 He neste caso o culpado,
 Pois quiz roa hum boendo
 Que tem de coelho o dente.

XII

Tambem da minha Thalia
 Com razão posso queixarme,
 Por prometter, o faltarme
 Com a sua poesia:
 Suoi suor de agonia
 C'o assumpto, que se me deu
 Pobre e sem nada de meu
 Para huma acção tão notoria,
 Que havia de dizer da Gloria,
 Quem nunca subio ao Ceo.

De Ignacio Duarte.

He assumpto para mostrar a S. Gonçalo Garcia tras-
passado a lanças pro Christo.

SILVA

Illustre Presidente
Mais que Apollo, e Minerva eloquente,
Por assumpto huma sylva me haveis dado,
E nella me deixaste bem picado,
Em sylvados meteis hoje huma Aranha,
Que só com Moscas tem astucia, e manha?
Porém vá de sylvada,
Em que a sylva me custe muita unhada:
Oh, desse Muzeo coro, irmão das nove,
Minha insuficiencia agora prove,
Que de ti illustrado
Sahirei talvez menos arranhado,
Dame desse Hypocrenne,
Huma sciencia perenne,
Acudão-me neste dia
Aglaya, Eufrosina, e Thalia
E dessas graças trez
Consigna eu ter graça esta vez.
Mas errej o sentido,
Neste Norte, que sigo vou perdido,
Que estes Deoses, he engano,
E só podem servir para o profano.
Assim que hoje invocalos, he indigno,
Sendo o assumpto da historia tão divino:
A vós invoco ó soberano Deos,
Que em espheras de luzes reynaes nos Ceos
Trino em Pessoas taes,
Que uno sendo em poder vos crelo iguaes,
Alumiayme agora
Que antes que brilhe o Sol da Aurora,
O Assumpo começa.
Se for grande o processo,
Paciencia esta vez
Que isto não succede cada mez,
São Gonçalo Garcia
Querom que em sylva mostre neste dia,
Alcançar trespassado
Por Jesus Christo, seu Divino amado,
E para eu o fazer,
Por mayo de retrato há que hade aer.

Se disserem que mostro ser pintor,
 Não me injurião, antes me dão louvor.
 Porque o saber pintar
 Hé arte entre as mais nobres singular.
 Se hão de dizer que em versos sou ladrão,
 Digão, que sigo a minha profissão,
 Para principio dar
 Ao Quadro, hé necessario aparelhar.
 Já está uparelhado,
 E nas primeiras linhas debuxado;
 Perfilado de sombra está no escuro,
 Os claros já muti, agora colúro,
 Vai o painel sahindo pouco a pouco,
 Em quanto as vivas côres lhe reloco.
 E se sahir triguesiro,
 Essa he de sua côr o verdadeiro.
 Na formosa Cidade
 Que Baciam deu nome á Antiguidade
 Nasceu Gonçalo Santo,
 Para ser de Infieis assombro, e espanto.
 De seus primeiros annos
 Nada escreverão para deengunos,
 Ou por esquecimento,
 Ou por ser vam intento
 Querer noticia dar
 Do que a penna não pode relatar.
 Mas encurtando a historia
 Trataremos do que a Deos dá honra e gloria.
 Toendo da Divina inspiração
 Tomou o habito, e foi para o Japão
 Com outros companheiros
 (De Christo imitadores verdadeiros)
 Donde na Caridade,
 Dar pode confusão á nossa idade,
 Christo era o seu amor,
 Christo o seu valedor,
 Por Christo obrava extremos.
 Que por sem numero, hoje se callaremos
 Por amor obrigou Christo de sorte,
 Que por elle abraçara a mesma morte.
 Mas hum Tiranno, que antes se agardava
 Enfurecido contra o sacro-santo
 Nome de Christo, (ó horror! ó espanto!)
 Manda-o crucificar.
 O que elle estimou para mostrar.

Era tão fino amante.
 Que a vida dava por amor constante,
 E já posto na Cruz
 Engrandecia o nome de Jesus,
 Dizendo aos Japocns
 Que em Jesus empregassem os corações
 E com serenidade
 Lhes pregava da fé toda a verdade,
 Brando cisne cantando,
 Como quem a seu fim hia chegando,
 Com isto os dous Tyrannos
 Ferozes mais que as Feras inhumanos,
 Com lanças agussadas
 As entranhas lhe deixão traspassadas,
 E Gonçalo que o toma por favor,
 Recebe as lanças, quaes seltas de amor.
 E tanto a Alma amor lhe penetrou,
 Que todo se inflamou;
 E sem mais movimentos
 Constipados os seus viltas alentos,
 Ardente Seraphim
 Ao amado diz, lembrayvos de mim.
 E não fallando mais alguma cousa,
 A sua Alma recebeu por esposa
 O amante das Almas,
 Que por dores, dá gloria, por Cruzes palmas
 Tenho o assumpto acabado,
 Se nelle não agrado,
 O meu intento foy de que perfeyto
 O Retrato sahisse para asseyto
 Mas se a obra por mim he mal tocada
 Não me offendem se a deixão regeitada.
 Porque o meter em sylvas dera espanto
 Não sahir arranhado tanto, ou quanto.
 Que eu bê sey, q. hoje em meus toscos borrões
 Catanadas terey como arranhoens,
 Porem de sylva boste
 E quem do seu tiver milhor, que o gaste.

De Antonio Splanger Aranha.

ASSUMPTO ALTISSIMO PARTICULAR

MOTTE

Por Deus deixa a mercancia
Gonçalo com fundamento
Por ganhar cento por cento
Nos negocios que fazia.

DECIMAS

I

Ha de ser o Mercador
De peso, conta, e medida;
Porque o mais he andar co' a vida
Sem conta com acredor.
Gonçalo, que este temor
Muito na Alma trazia,
Entrar em contas temia
Com Deus sendo commissario;
E temendo este summario
Por Deus deixa a mercancia.

II

No livro da capa larga
Que he o da razão e razoens,
Achou, que as carregaçoes
Lhe fazião grande carga.
E como ficava amarga
Ja para o seu pensamento,
Com a dor do arrependimento
Sem penna o livro borrou
E isto se viu, que obrou
Gonçalo com fundamento

III

Conheço o quanto avança
Aquelle fiel atroz
Que hum fio de retroz
Faz perpende a balança.
Para o Inferno sem lardança

Onde vay fazer assento;
 E tendo conhecimento
 Deste mal em que lha socio,
 Entra com Deos em negocio
 Por luear cento, por cento.

IV

Lá por certas polegadas
 Largou a vara, e o quaderno,
 Mui certo, em que o Inferno
 Lanber o havia ás dedadas
 Trocou estas em passadas
 Para a clauzura mais pia;
 E por Deos, tudo, o que havia
 Grangeado, veyo a delxar
 Por cento, a cento luear
 O negocio que fazia.

Do Capitão Francisco de Sales, e Sylva.

LOUVORES AO PRESIDENTE

Ao M. R. Doutor Jozé Correa de Mello

Tendo orado em verso em louvor do São Gongalo Garcia

EPIGRAMA

*Non pauci arrecti mentes Josephe stupebant.
 Cum Gundisalvi carminis facta canas:
 Arduu quippe nimis si res est sermo solutus,
 Quid, bene perspexit, sermo hqatus erit!
 Ast ego non miror, quod sistam carminis promptus;
 Carmina necluntur nomine nomque tuo:
 Van si suppeditis verbis Correa liga mea.
 Ipsis dulcitionum das quoque Mello melos.*

VERSEM EM SONETTO

A muitos com razão não mal fundada
 Vossa oração Jozé, grata, e jucunda
 Suspensão causará, não só por funda
 Senão por ser em verso docantada:

Porque se a oração solta regulada
 Pelos preceitos da Arte, que se funda,
 Se-faz difficulতোza, por facunda.
 Quanto mais se fará, sendo ligada?

Mas a mim não me cauza admiração,
 Que tão pronto sejaes na Poesia;
 Pois com ella tem tanta connexão

O vosso nome, e hé tal sua energia.
 Que se estaeis por Correa a oração,
 Como Mello lhe dais: a melodia.

Do M. R. Doutor Ignacio Ribeiro Noya.

DECIMAS LAUDATORIAS AO PREZIDENTE DA ACADEMIA

O R. D. José Correa de Mello

Na celebridade de São Gonçalo Garcia

I

Vosso engenho muito inteiro
 Entre os mais he tão subido,
 Que qualquer a bom partido
 Lha quizera ser rendeiro;
 Moe tudo tão ligeiro,
 Que a nenhum aqui se agacha;
 Pois outro nenhum se acha.
 Que cá sem tachar moesse
 E só por unico esse
 He o que moe sem taoha.

II

Bem se parece Jozá
 Com o do vosso Avô n vosso;
 Pois se delle dizer posso
 Libera nós Domine;
 Desse vossu bem se vê,
 E tambem a entender venho.
 Que moendo sem empenho,
 Mostra a todos sem enlejo

Não ser engenho do meyo
Ser de Anjo o vosso engenho.

III

Tem assude tão perenne,
Esse engenho meu Correa
Que lhe corre pela vea
A mesma fonte Hypocrene:
Por isso com vóz solenne,
Sem paga do meu concelho,
Digo sois vós o espelho
Dos engenhos deste povo;
Porque sendo engenho novo
Sois na fama engenho velho.

IV

O mel he tão grosso, e bello,
De tão perfeita bondade
Que já com propriedade,
Lhe chamão engenho do Mello:
Ter com elle parallelo
Eu aqui a nenhum faço;
Pois qualquer he tão escasso
No seu modo de mellar,
Que se póde aproveitar
Do vosso seco bagaço.

V

E agora a inferir venho
Hum famoso rendimento,
Que terá com muito aumento
Esse vosso grande engenho:
E hé que como com empenho
Destes a sara deste anno
A Gonçalo tão urbano
Elle por retribuir
Hade a Deus por vós pedir
Como Frade Franciscano.

Do R. Dr. Manoel Ribeiro.

Em louvor do M. R. Doutor José Correa de Mello, Presidente da Academia.

Meu José, para vos louvar
 Suspeito sou, bem o sabeis
 Ainda que vós dizels
 Que mereceis por bem orar:
 Digo por me não calar,
 Que a vossa douta oração
 Causou grande admiração
 A todos que a ouvirão
 E dizem os que assistirão
 Que sois Poeta sem senão.

Do R. Doutor Manoel Felix da Cruz.

Ao M. R. Doutor José Correya de Mello, Presidente da Academia.

Aplauda-se o engenho.

SONETO

Por canos de cristaes corre hum Ribeiro
 Que lá desse Parnazo despenhado
 Faz moer vosso engenho sublimado,
 Pois sendo os mais de Bestas, he copetro

Senhor de engenho sois; mas o primeiro
 Que do esado da eana destillado
 Soube só fazer mel assucrado
 Sem ajuda de algum mestre Banqueiro:

Este caco, que tendes, engenhozô,
 São as talhas, em que mui bem se apura
 Mel de engenho sem lacha preciozo;

Pois a vossa Oração tem lai doçura
 Que nesse metro mais, que sâborozo,
 Cada verso de Mello, he meia dura.

Josephi penna Martia superat mwarometis.

SONETO EM ESDRUCHELOS

EPIGRAMA

*En Martis mucro, Josephi en pluma, quid inde?
 Mucro bella movet, bellaque pluma parat
 Invadit mucro plumam, pluma ingruit olli,
 Ille manu fulget, fulget et ista manu
 Hæc levis, ille gravis, cui verò palma! Notandum est
 Sola petit levitas æra, pondus humum
 Hæc volat, ille cadit datur hinc victoria plume;
 Mucro dignus homo, dynameque pluma Polo est.*

SONETO EM ESDRUCHELOS

Esta vossa oração de estillo pratico (Aplauda-se
 E metro em poesia tam magnifico a pena)
 He de vossa eloquencia hum Jeroglifico
 Excedendo os assombros de enigmatico.

Fica mais, que pasmado, o mundo estatico,
 Vendo nesse lugar mui honorifico
 Prezidente entre os mais mais scientificos.
 Quando neste Lyceo melhor grammatico.

Em fim vossa oração por allegorica
 A pezar de huma inveja assaz oolerica (Aplauda-se
 Ve-se ornada de luzes na rhetorica: a oração)

Pasme já desse Sol a luz esferica
 Pois dáis hoje á luz obra tam historica
 Dando luz ao Brazil por toda a America.

Do Ajudante Francisco de Sousa Magalhães.

Ao M. R. Doutor José Correa de Mello, Presidente da
 Academia.

SONETO

O que aqui presumir de mordaz caco,
 Na presente oração não meta bico.
 Se quizer escapar de algum salpico.
 Ou melho de maxinga no malaco:

O conselho involverá assás de fraco,
 Se a vista de Orador tão culto, e rico,
 O mesmo Deos Apollo feito nico
 Não se fora meter em hum buraco.

Pelo que rezolvendo o ponto loco,
E concluo em dizer, que o que abre a bocca
Contra tanta oração, sayba que pecca;

E se a dente chegar o seu desocou,
Não lho sinto mais troca, nem destroca,
Que levar de Correa huma sapera.

V

A M. R. Doutor José Correa de Mello
Presidente, mostrando-se verdadeira Correa, ou (como lá
dizem) homem de seu sobre nome na bem ligada, o Metrifi-
cada oração, que fez.

EPIGRAMA

*Nector ego; fugit ore vigor, fugit ore loquella.
Tentoque dum modulos nectere, nec tot ego.
Vana ne alloquimur Corream consule, verba
Sì bene perpendas, nexite pondus habent*

*Nexite pondus habent; avidas nam futa per aures
Connetunt animos officiosa meos
Nil scabrum, incompunqne sonant, numeris ve coatis,
Cuncta sed in summum, qua decet arte, ligant*

*Oh decus immortale, ho donum nexite mentis!
Quid non ad nodos cogis in orbe tuos?
Hoc est et fluvios cantu, fontes que ligare:*

*Hoc est acris necter saxa plagis.
Hoc est et volucrum lapsos retinere volatus:
Nominè cum verbis conviniente suis.*

Do M. R. Padre Felipe Nery da Trindade.

Ao M. R. Doutor José Correa de Mello, Presidente da
Academia.

DECIMAS

I

Grande engenho na verdade,
Mello, he o vosso no Brasil,
Pois creyo que tem des mil
Arrobas de habilidade:
E se o mel da santidade

Hé dos engenhos conforto,
Deve o vosso andar absorto
Pelas dossuras da graça
Que engenho sem esta massa
Hé todo de fogo morto.

II

Anda Apollo embasbacado,
O Parnazo anda revoltado,
Parece que o Demo solto
A tudo trás num cortado:
Nã dorme, ou come bocado,
Todo barbado, e amarello,
E hé todo seu desvello,
Considerando-se Apollo
Ver que haja cá no Pollo
Quem o meta num xizello.

Vg

SONETO

Esta celebre, e fausta Academia,
Segundo o julgo, e dita minha fé,
Quem mais lustroza a faz, sois vós Jozé
Na fama, augmento, graça, e primazia:

Que sois mimozo filho de Talia
Nos livros do Parnazo qualquer lá,
E sendo vós de casa, já se vê
Que de Jure vos loca a Poezia:

Se o grande Homero vivo inda estivesse,
Nã de Alexandre os feytos escrevera.
Só por querer, que ao Prello os vossos desse:

E Se Pariz tambem vos conheçera,
Inda que a Venus agradar quizesse
A vós só de Justiça o Pomo dera.

De Ignacio Duarte.

REDONDILHAS EM ECCO

Ao R. Doutor Prezidente.

Entre confuzo, e admirado
Me deixaste neste dia,

Por ver quanto a Poesia
Tendes o cuidado-dado,
Ou por ver que o mesmo Marte
Para o vosso luzimento
Hoje de proprio talento
Com vosco reparte-parte
Deixaste por eloquente
Tantas idelas confuzas,
Que entendo q. sois das Muzas
Algum excellentemente,
Que deixando a doce festa
Do Parnazo mais florente,
Quixeste ser Prezidente
Em tão manifesta-festas.
E assim mostrais-vos sciente
Para que possam termer-vos;
Pois livre está meter-vos
Algum pertendente-dente;
Nem eu, que colher aspiro
Remalhates tão perfeytos,
Cujas flores por conceylos
Cá neste retiro-liro,
Não vos pareça, que mente
Quem tal diz, pois o invejozo,
O ver-vos tão luminoso
Porque não consente sente.
Não chego a mais alta esfera,
Porque me faltou o valor,
Que se outro mayor louvor
Eu darvos podera-dera.
Isto pois meu Prezidente
Por causa mui certa digo
Porque o peito de hum amigo
Nem já facilmente-mente;
E o mais que por relevante
No silencio se derrama
Pelo mundo a vossa fama
Em doce deçoante-cante.

(Não tem assignatura.)

Ao M. R. Doutor Presidente, José Correa de Mello.

SONETO

Nessa heroica oração, que recitastes
Nesses sábios dictames, que nos destes
Mil laureis de Minerva mereceste.
E de Apollo mil palmas alcançastes:

Quem não dirá, que a Cicero iguallastes,
E quem a Homero nega, que excedestes,
Vendo que na oração, que aqui fizestes
Lugar mais alto, que elles grangeastes:

Mestre pode chamar-vos da Oratoria
Demosthenes famoso, e á boca cheya,
Podeis mandar vir á palmatoria:

E se para Orador não tiver veyra,
E a lição não tomar bem de memoria,
As disciplinas tendes na Correya.

Do M. R. Padre Antonio Pereira

Ao M. R. Doutor

SONETO

Se o nome de Jozé, he o mesmo augmento
Quem duvida que hoje teve tanto
Essa vossa oração do novo Santo
Que subio como elle ao firmamento.

E porque vos não tenha abatimento
E sempre nesse gráo sirva de encanto,
Com a vossa Correa que he de espanto
Lhe day sendo ligado hum no de invento.

No conceyto foy doce, e tão celeta
Que com o Nectar dos Deozes ser tão bello
Correo na semelhança, linha reta:

Ficando deste modo (heyde diz'ello)
Oração de tão sabio, e douto Poeta
Com augmento, fortidão, e mel do Mello.

DECIMAS

I

De-se-vos já a Capella
De flores, que merecels,
Pois se vós fazer sabeis
Oração douda, e tão bella,
Não cudeis que isto he balella,
Ou que são premios fallados:
Hão de ser exzecutados,
Que he razão de muito empenho
Que hum para Senhor de engenho
Tenha bens emcapellados.

II

Quiz mostrar a este povo
O Santo, que he aqui novato
Que haverá ter neste acto
Tambem Presidente novo
Se com isto não vos louvo
Digo de novo esforçado
Que como o Santo laureado
Foy por Martyr em Japão,
Quiz tambem ter na oração
Presidente coroado.

III

Se ainda não disse nada
No louvor, que vosalludo
Foy porque dicestes tudo
Nessa oração decantada
E assim fique a vóz callada
A lingua imudeça perra
Dizendo porfim (e não erra.)
Que vinha a ser indecenota,
Não teres Divina sciencia
Sendo vós Christo da terra.

Do Capilão Francisco de Sales e Silva

REPOSTA, QUE FA O PRESIDENTE

Ans Académicos

SONETO

Senhores Académicos, querer-vos
 Já por de alguma sorte imitar-vos
 Engrandecer, louvar, fora agradecer-vos
 Ou de certo, infallivel offender-vos.

Porque ou que louvar posso fazer-vos
 Ou que tal elogio posso dar-vos,
 Que chegue cabalmente a exagrar-vos.
 Ou ao menos em parte engrandecer-vos?

Nenhum outro, senão dizer que o Santo
 Azas vos queira pôr nessas Caméas
 Para que vossas obras voem tanto;

Que em tudo excedendo as dessa Aílonas,
 Confessem ellas mesmas com aspillio
 Que de Aguiá os voos são de vossas pennas.

POR FIM DE TODAS AS OBRAS

DECIMA

Por fim desta tão pia
 Tenho aqui de deprecar
 Hum favor, que heide alcançar
 Por vós meu Martyr Garcia:
 E he que aos que a Academia
 Vos fizeram sem vangloria,
 Os dons dos Ceos por victoria
 Tenhão; para que os tropheos
 Alcancem de ir ver a Deos
 Com vosos lá nessa Gloria.

Do M. R. Doutor Presidente da Academia.

FIM

